

Revista  **Aeronáutica**

2011

Número 275



Não queremos mudar o mundo,  
apenas sua maneira de voar.



Alguns olham o globo e veem o Velho Mundo e o Novo Mundo. Outros veem recursos, alianças ou mercados. Quando olhamos o mundo, vemos pessoas, cada uma com sua história, sonhos e aspirações. Pessoas prontas a se deslocarem a algum lugar para onde somente o voo pode transportá-las da forma mais confortável, segura e produtiva. Somos a Embraer, uma empresa global que desenvolve aeronaves e tecnologias inovadoras para os mercados de aviação comercial, executiva e de defesa. Acreditamos que as pessoas merecem uma melhor maneira de voar. É por isto que estamos sempre aprimorando nossos produtos: para voarmos sempre à frente.

#### Presidente

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista  
Assessor especial da Presidência  
Cel Av José de Faria Pereira Sobrinho

#### 1º Vice-Presidente

Maj Brig Ar Márcio Callafange

#### 2º Vice-Presidente

Brig Ar Guilherme Sarmento Sperry

#### 3º Vice-Presidente

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira



# Expediente

Abr./Mai./Jun.

2011



www.caer.org.br  
revista@caer.org.br

## DEPARTAMENTOS

### Cultural

Cel Av Araken Hipólito da Costa

### Social

Cel Av Paulo Fernandes da Silva

### Administrativo

Cel Av Nylson de Queiroz Gardel

### Financeiro

Cel Int Júlio Sérgio Kistemarcher do Nascimento

### Patrimonial

Cap Adm Ivan Alves Moreira

### Aerodesportivo

Cel Av João Fares Netto

### Desportivo

Ten Cel Av Antonio Vianna Jordão

### Beneficente

Cel Av Nylson de Queiroz Gardel

### Jurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

### Informática (Assessor)

Cel Av José Mauro Rosa Lima

## SUPERINTENDÊNCIAS

### Sede Social

Brig Ar Guilherme Sarmento Sperry

### Sede da Barra da Tijuca

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira  
Adjunto da Administração e Assessor Financeiro  
Cel Av Mauro Domeneck Salgado  
Assessora Especial da Superintendência  
Loreta Helena Valério Alves

### Sede Lacustre

1º Ten QOE Sebastião José Ferreira

### Secretaria Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

### CHICAER

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista

### Expediente do CAER (Sede Social)

Dias: 3ª a 6ª feira

Horário: 9h às 12h e 13h às 17h

### Sede Social

Praça Marechal Âncora, 15  
CEP 20021-200 - Rio de Janeiro - RJ

• Tel.: (21) 2210-3212

• Fax: (21) 2220-8444

### Sede da Barra da Tijuca

Rua Raquel de Queiroz, s/nº  
CEP 22793-710 - Rio de Janeiro - RJ

• Tel.: (21) 3325-2681

### Sede Lacustre

Estrada da Figueira, nº 1  
CEP 28930-000 - Arraial do Cabo - RJ

• Tel.: (22) 2662-1510

• Fax: (22) 2662-1049

Presidente do Conselho Deliberativo

Maj Brig Ar Marcus Vinícius Pinto Costa

Presidente do Conselho Fiscal

Brig Int João Carlos Fernandes Cardoso

REVISTA DO CLUBE DE AERONÁUTICA

Tel./Fax: (21) 2220-3691

### Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipólito da Costa

### Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

### Produção Editorial e Design Gráfico

Rosana Guter Nogueira

### Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

### Revisão

Lídia Albuquerque

### Secretária

Adriana Valdevino

### Estagiária

Paula Araújo

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Turbina em manutenção  
no Parque de Material  
Aeronáutico do Galeão  
(PAMAGL) - RJ

## Índice

- 5** TEMPOS DIFÍCEIS III  
Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista
- 7** AERONOTÍCIAS  
A Redação
- 12** UM NOVO CONCEITO DE  
CONFLITO PARA O SÉCULO XXI  
Manuel Cambeses Júnior  
Cel Av
- 14** A VIRTUALIDADE DO INFERNO REAL  
COLAPSOS DO NOVO SÉCULO  
Afonso Farias de Sousa Júnior  
Cel Int/EMAER
- 16** CURSO DO PENSAMENTO BRASILEIRO  
NO MINISTÉRIO DA DEFESA  
Araken Hipólito da Costa  
Cel Av
- 19** A NOVA “UNIÃO SOVIÉTICA”  
(ISLÂMICA)  
Reis Friede  
Desembargador Federal
- 20** ATIVISMO JUDICIAL E O EQUILÍBRIO  
E HARMONIA DOS PODERES  
(União estável de homossexuais)  
Ives Gandra da Silva Martins  
Advogado
- 24** O NORDESTE E O CANGAÇO  
Joselauro Justa de Almeida Simões  
Cel Ex Inf
- 27** ALTERAÇÕES NA LEI  
DO INQUILINATO  
e seus reflexos sociais e econômicos  
Thiago Hora  
Advogado
- 28** CRONOLOGIA AERONÁUTICA  
BRASILEIRA  
Primeira Parte  
Pesquisa de Fernando Hippolyto da Costa  
Cel Av
- 32** ATIREM EM MIM!!!  
Alvos reais para  
treinamento de tiro aéreo  
Ten Brig Ar Fernando de Assis  
Martins Costa
- 34** O TEOREMA DA CAIXA  
DE FÓSFOROS  
Flávio Catoira Kauffmann  
Cel Av
- 41** SEMANA FARROUPILHA  
Uma tradição  
Brig Ar Guilherme Sarmiento Sperry
- 44** RECONHECIMENTO E GRATIDÃO...  
Não tem preço!  
Raul Galbarro Vianna  
Cel Av
- 37** MOMD  
Ten Brig Ar Sérgio Pedro Bambini
- 48** RITOS DE PASSAGEM  
Verônica Beviláqua Mendes  
Escritora
- 50** UMA LEMBRANÇA INDELÉVEL  
Paula Araújo  
Redação

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista  
Presidente do Clube de Aeronáutica

# TEMPOS DIFÍCEIS III

Sempre me pergunto como seria o Brasil hoje, se o Brigadeiro Eduardo Gomes tivesse sido eleito, em sucessão ao ditador Getúlio Vargas, ou na sucessão seguinte, do Gen Dutra. Na primeira, foi vítima de uma armadilha que lhe tirou votos das classes menos favorecidas. Na segunda, foi derrotado pelo “pai dos pobres”... “bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar”.

**M**eu acesso às urnas eleitorais deu-se dessa forma e continuei frustrado até os dias atuais, sempre tendo de escolher aqueles que as propagandas me indicam como os menos ruins.

O Brigadeiro foi o ministro que recebeu minha turma (Aspirantes de 1954) em inesquecível recepção no salão nobre da antiga sede do Ministério da Aeronáutica, no centro do Rio de Janeiro. Recordo que já o chamavam de “o velho” num sinal de profundo respeito por toda sua solteirice dedicada ao serviço da pátria, repleta de magníficos exemplos de honestidade, lealdade de propósitos, coragem e integridade de caráter, entre outras características mais que devem emoldurar a figura do chefe exemplar.

Na minha infância e na juventude convivi com um graduado, amigo de meu pai, frequentador assíduo do meu círculo familiar e figura popular no bairro em que me criaram. Era instrutor-fundador da Escola de Especialistas da Aeronáutica, no Galeão, e servira ao Brigadeiro em diversas oportunidades. Ao tempo em que estivera na ativa, ele despertou muitas ambições na juventude que o via passar, impecavelmente uniformizado e excepcionalmente empertigado (acho que crescia uns 10 centímetros quando se fardava).

A cada vez que se falava em Eduardo Gomes, o Suboficial Togo Madeira, este é o seu nome, se levantava e o reverenciava em posição de sentido. Invariavelmente, aproveitava para contar uma estória que testemunhara, ou ouvira contar, sobre este paradigma egresso do Exército Brasileiro – fundador do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira, em 1941, e do Clube de Aeronáutica.

Volto ao “velho” Brigadeiro daquela época, quando tinha apenas 54 anos de idade para comparar com os “jovens” Bri-



gadeiros de hoje, beneficiados que somos pelas descobertas da medicina que agora prometem uma legião de centenários ao redor de 2030.

Do Brigadeiro, recordo com emoção sua aparição no salão nobre, em dezembro de 1954, cumprimentando-nos um a um, encarando-nos no olho, por trás dos seus óculos modestos, misturando energia e suavidade ao mesmo tempo, após o que brindou-nos com um breve discurso de incentivo à carreira.

Fui encontrá-lo, depois, no meu estágio da Caça no 2º/5º Gav, na Base Aérea de Natal, por perto da meia-noite. No meio da semana, como sempre abusando da nossa juventude, eu, Juarez, Iguatemi, Baltar e Passos, bem à vontade no quarto do cassino dos oficiais, jogando pôquer, embalados pelo rum merino com coca-cola, muita fumaça no ar, eis que abre-se a porta e assoma o Ministro, Brigadeiro Eduardo Gomes. Estatelados e perplexos, não chegamos sequer a levantar. O Brigadeiro, então, disse alguma coisa parecida como: – “Rapazes, não estraguem a saúde, amanhã é dia normal de expediente, devem estar preparados para o voo e...” E, sumiu.



Fomos saber, no dia seguinte, que era useiro e vezeiro em inspecionar as Bases dessa forma. Tripulava um C47 do Correio Aéreo Nacional, e saía por aí impedindo que se avisasse previamente os Comandantes. Ao chegar às Bases rodava com seu assistente, pelo interior e pelos limites da Unidade, parando em qualquer lugar, onde houvesse movimento.

Encontrei-o, novamente, numa inesquecível reunião da aviação de caça, em Fortaleza, nas comemorações de encerramento de mais um estágio na Sorbonne (1ª/4ª Gav). O Brigadeiro presidia o almoço dos oficiais, no refeitório da Base, sentado no centro da “Santa Ceia” e cercado de alguns dos seus apóstolos do Alto Comando. De repente, o Tenente-Coronel-Aviador Lauro Ney Menezes, que estava sentado com seus discípulos, levanta-se e pede a palavra, que lhe é concedida com notada apreensão do seu Comandante de Base, que o conhecia bem. Após breve e empolgado improvisado e representando toda a Caça Brasileira, ele encerra com um brado “Senhor Ministro, queremos o F5!” E, aí o Ten Trompowsky puxa o hino nacional brasileiro, acompanhado, vibrantemente, por todos os caçadores presentes. O meu sentimento, na hora, foi de que o “velho” não teria apreciado tal ousadia. De qualquer forma, recebemos o F5 pouco tempo depois, e só o próprio caçador Menezes poderá contar o que lhe aconteceu depois.

Vou parar por aqui. Para conhecer melhor essa lenda recomendo um livro escrito pelo Ten Brig Deoclécio Lima de Siqueira, intitulado “Caminhada com Eduardo Gomes”.

Não sem, antes, refletir como seria o País hoje, se tivesse passado por sua administração. Verdade que havia muito menos corruptos e corruptores, até por que havia apenas ¼ da população atual. Certamente sua participação em todas as revoltas da primeira metade do século passado, voltadas para “consertar” o País, não lhe permitiria uma convivência pacífica com a raça de políticos que sempre acabam ocupando o poder. Ele deu tiro, levou tiro, foi preso em navio e em

fortaleza, integrou a marcha dos 18 do Forte, portando um pedaço da bandeira nacional no bolso da sua túnica, pronto a imolar-se em prol da moralidade pública do Brasil.

Mal comparando, temos hoje nos postos superiores da administração pública e lotando os plenários das assembleias legislativas muitos guerrilheiros do passado, que, também, deram tiro e levaram tiro, torturaram e foram torturados, assaltaram sequestraram, “explodiram” um Almirante, na tentativa frustrada de explodirem o Presidente da República. Se entendermos que o objetivo não era apenas implantar a ditadura do proletariado, mas sim “consertar” o País, não dá para acreditar que, agora, no Poder, possam aceitar, sem se abalarem, a onda de corrupção que se alastra sem controle.

No momento em que escrevo vejo no jornal manchetes que se tornaram rotineiras. As de hoje:

“Capital de empresa de filho de ministro cresce 86.500%”;  
 “Prefeitura do Rio quer vender sua sede para cobrir divíndos”.

Foram piores as publicadas ontem. Como disse a excelente repórter da CBN: “Que mistério é esse que leva os filhos das grandes autoridades a enriquecerem rapidamente?”

Finalizo com o meu sincero sentimento de pesar pelo falecimento do Presidente Itamar Franco, estimulador do plano econômico que salvou este País (no momento em que a inflação já chegava aos milhares por cento anuais), bem como à equipe constituída pelo então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Tal plano foi duramente combatido pelos malandros e soviéticos, como diz o Jabor, que ainda há pouco o rotulavam de herança maldita.

Leiam o livro do Gustavo Franco: “3000 dias no Bunker”, indispensável para entenderem todo o processo que evitou despenarmos no abismo. E para fazerem justiça àqueles que, a duras penas, dispensaram os fiscais do povo e eliminaram os confiscos e as moratórias como assombrações permanentes na nossa economia ■



## Galeria das Turmas EPCAR 1953 - ASPIRANTES 1958

Na presença do Presidente do Clube de Aeronáutica, Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista e de toda a sua diretoria, realizou-se no último dia 30 de março, a cerimônia de inauguração de mais uma placa comemorativa de turma, na sede social: a dos ingressos em 1953, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, declarados Aspirantes em dezembro de 1958.

Compareceram ao evento 23 componentes, militares e civis, numa merecida homenagem ao Clube de Aeronáutica, que tem sido seu ponto de encontro, por mais de 58 anos.

Como nos dizeres da placa, esta turma chegou ao final da carreira com o recorde de 17 oficiais-generais, dos quais, quatro atingiram o mais alto posto, sendo um deles o último Ministro da Aeronáutica e o primeiro Comandante da Força Aérea.

São eles:

Ten Brig Ar Walter Werner Bräuer, Ten Brig Ar Marcos Herndl, Ten Brig Ar Osiris Castilho, Maj Brig Ar Carlos Sérgio Sant’anna César, Maj Brig Ar José Salazar Primo, Maj Brig Ar Hermano Paes Vianna, Maj Brig Int Nebar Guillem Baltoré, Brig Ar Paulo Coutinho de Assis, Brig Ar Humberto César Pamplona Coelho, Brig Ar Ercio Braga, Brig Ar Joel Tang, Brig Eng Nelson Ramos, Brig Ar Ronaldo Alencar Porfírio Borges, Brig Eng Olavo Duncan Miranda Rodrigues, Brig Ar Carlos de Souza Barbosa, Brig Int Edson Garcez de Lyra e Brig Int Dhermeval Fontes Mattos

Turma de 53  
em frente à  
Galeria das Placas

## COMISSÃO INTERCLUBES MILITARES

Dentro do planejamento da comissão, estão previstos, mensalmente, a realização de três eventos significativos: o primeiro é o encontro mensal com parlamentares; o segundo é uma visita programada às Unidades Militares para que este grupo se torne conhecido em seus objetivos; e o terceiro é a reunião dos três Presidentes de Clubes (Naval, Militar e de Aeronáutica) com os seus assessores, para tratarem dos assuntos e projetos comuns aos interesses dos oficiais que são associados a estas entidades.



No mês de março, a reunião foi realizada no Clube Militar, com a presença do Deputado Federal Hugo Leal, ao centro.



Em abril, a comissão se reuniu no Clube de Aeronáutica e o parlamentar convidado foi o Deputado Federal Vitor Paulo, o segundo da esquerda para a direita.



## A AERONÁUTICA DOMINA A TRAVESSIA DOS FORTES

A Travessia surgiu em 2001, através de uma parceria entre a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) e o Exército Brasileiro. Seu percurso é feito do Posto 6, em Copacabana, ao Leme, totalizando 3,5km.

No dia 3 de abril de 2011, ocorreu a nona edição da Travessia e disputaram cerca de 2.000 competidores de várias

idades. Na categoria Faixa Etária, que vai de 75 a 79 anos, sagrou-se campeão o Coronel Engenheiro da Aeronáutica Horácio de Alencar, seguido por Saul Birman e o Coronel Aviador Ivan Von Trompowsky Douat Taulois.

Horácio de Alencar tirou a invencibilidade de Saul Birman, que vencia essa mesma prova há dois anos.



Da esq. Para a dir.: Saul Birman, Cel Eng Ar Horácio de Alencar e Cel Av Ivan Von Trompowsky Douat Taulois

## ENCONTRO DE TURMA - ESG

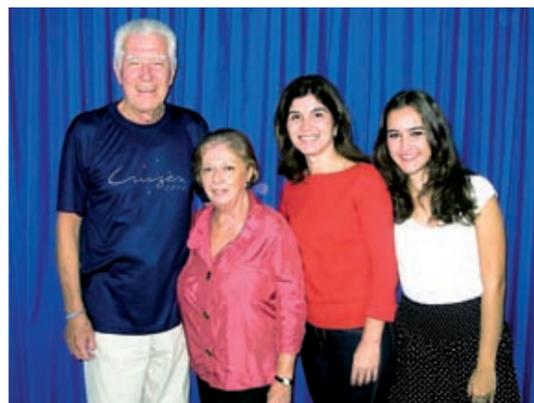
Por ocasião do aniversário da Desembargadora Georgia de Carvalho Lima, no dia 8 de abril, a sua turma, CAEP 2011 – Segurança e Desenvolvimento – escolheu para a comemoração as instalações do Clube de Aeronáutica e resolveram utilizar, como cenário, a bela vista do histórico palácio da Ilha Fiscal.



## OS TROMPOWSKY NO CURSO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

A família Trompowsky sempre esteve presente na história da Aeronáutica, e como não poderia ser diferente, está presente, também, no Curso do Pensamento Brasileiro II, realizado às terças-feiras, no Clube de Aeronáutica, sede social.

O casal vem acompanhado de sua filha e sua neta e sempre comparecem às atividades culturais.

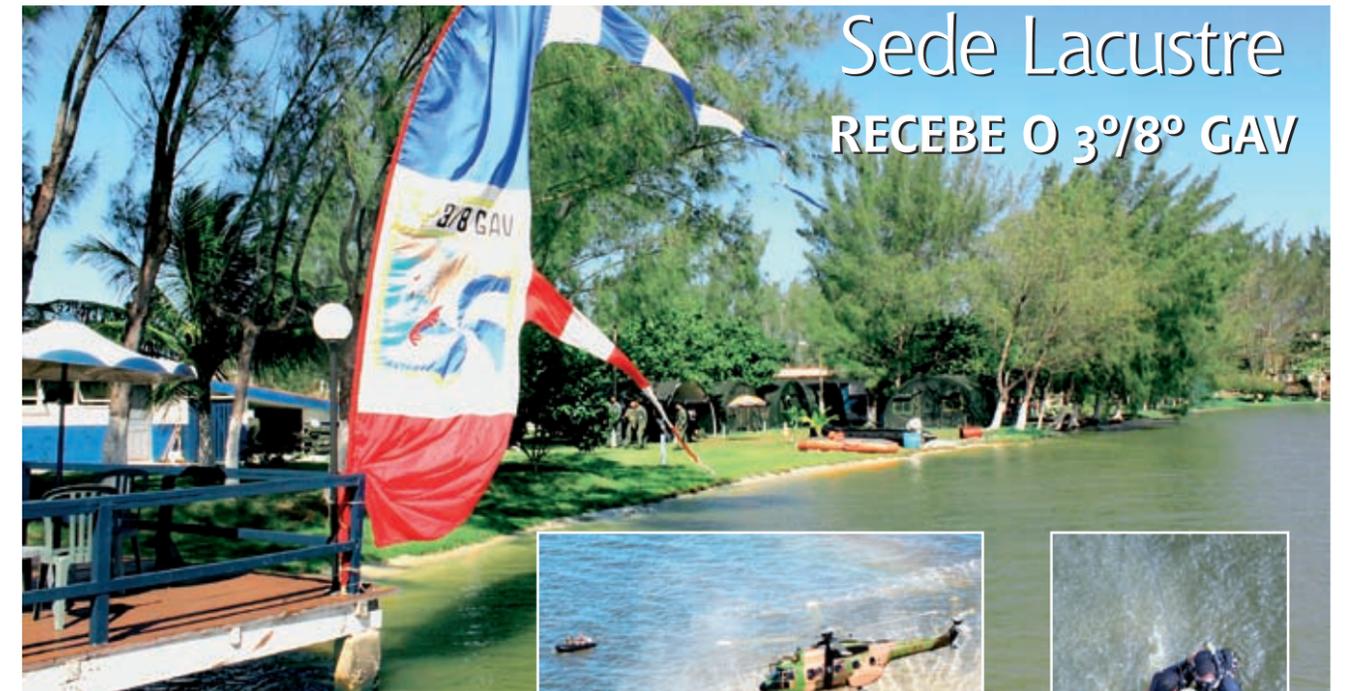


Da esq. para a dir.: Cel Av Ivan Von Trompowsky Douat Taulois, Eliana Lassance Salles Trompowsky Toulouis, Andrea Salles Trompowsky Toulouis e Camilla Trompowsky Toulouis Silveira.

## ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE DO CAER

No dia 24 de março, o Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista completou mais um ano de vida e em sua homenagem foi oferecido um almoço no Clube de Aeronáutica.

Estavam presentes os vice-presidentes, diretores e visitantes ilustres, Maj Brig Jorge Marones de Gusmão, Diretor de Saúde da Aeronáutica, o Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho, Diretor do INCAER, o Brig Int Hélio Gonçalves, Presidente da ADESG e ex-vice-presidente do clube, além de outras personalidades da ativa e da reserva da Aeronáutica.



## Sede Lacustre RECEBE O 3º/8º GAV

A sede lacustre do Clube de Aeronáutica teve importante participação no exercício PABEFI XX (que em latim significa *Pace Beloque Fidelis* - “Fiel na Paz e na Guerra”), realizado pelo Terceiro Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação (3º/8º GAV), o Esquadrão PUMA, sendo o Comandante-Geral de Apoio, Ten Brig Ar Machado, a maior autoridade presente. O evento, que teve início no dia 25 de abril de 2011 e terminou no dia 15 de maio de 2011, contou com a presença de nove oficiais-generais, sete oficiais superiores e convidados.

Nesse período, os helicópteros H-34 Super-Puma decolavam da Base Aérea dos Afonsos (BAAF) pela manhã, com destino à sede lacustre, localizada no Distrito de Figueira, Arraial do Cabo e de lá seguiam para a lagoa de Araruama para o treinamento. Retornavam ao final do dia, para pernoitar em sede.

O objetivo desse treinamento foi realizar duas demonstrações dos tipos de resgate no mar, visando a recuperação de pessoas ou tripulantes, vítimas de sinistros, ocorridos sobre a superfície aquática, seja em tempo de paz, quando é realizado



o treinamento, seja em tempo de guerra, quando se realiza o resgate. Nessa ocasião, os convidados tiveram a oportunidade de observar, a bordo de um helicóptero, todos os detalhes da operação.

Esse esquadrão é uma unidade de helicópteros da Força Aérea Brasileira (FAB), que tem como origem o Primeiro Esquadrão de Ligação e Observação (1ª ELO), na Segunda Guerra Mundial. Está sediado na Base Aérea dos Afonsos (BAAF), na cidade do Rio de Janeiro. Pela vigésima vez,

deslocou-se, para treinamento e formação de novos pilotos, operadores de equipamentos, mecânicos e homens de resgate em procedimentos de resgate no mar.

Durante todo o período do exercício, o esquadrão manteve suas atividades normais, tais como o Alerta SAR e o cumprimento de missões presidenciais. Foram 21 dias de manobra, onde, mais uma vez, foi demonstrada a versatilidade do esquadrão e a integração com a Intendência operacional da Força Aérea Brasileira.

CAER

DIVERSÃO É NA **Sede Barra**



Localizada na Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, a sede possui infraestrutura para o seu divertimento.

Com área para a prática de atividades esportivas como voo de ultraleve, tênis, futsal, futebol masculino e feminino, vôlei de praia, natação, hipismo, paintball, pesca.

Conta, também, com o Bar Birutinha, churrasqueiras, parquinho para crianças, salão de festa, estacionamento amplo e gratuito,

Contato:

(21) 3325-2681 / 7844-3477 /  
2431-6489 / 7841-1818

sedebarra@caer.org.br ou  
caer.sedebarra@gmail.com

Segundas e terças-feiras  
não há expediente externo.

Endereço: Rua Rachel de Queiroz, s/n  
Barra de Tijuca - Rio de Janeiro / RJ



## CAER Departamento Cultural



### 1ª MOSTRA AEROSPACIAL

O **Clube de Aeronáutica** (CAER-RJ) e o **CECOMSAER**, em homenagem aos 70 anos de criação do Comando da Aeronáutica, orgulhosamente apresentam a **1ª Mostra Audiovisual – O Olhar Aeroespacial**.

Os participantes devem gravar vídeos de 2 a 4 minutos, que reflita o espaço aéreo, considerando, também, hangares, aeronaves, aeroportos, pátio de estacionamento, tripulação, etc.

O júri será composto pelo Diretor de Artes Visuais da Funarte e membros do Grupo de Estudos do CAER.

Poderão participar brasileiros natos ou naturalizados e estrangeiros residentes no Brasil, cuja situação de permanência esteja devidamente legalizada.

Os vídeos devem ser enviados para [cultural@caer.org.br](mailto:cultural@caer.org.br) ou entregues pessoalmente no Departamento Cultural do CAER.

#### OS PRÊMIOS SERÃO:

**1º lugar:** R\$ 5.000,00

**2º lugar:** R\$ 3.000,00

**3º lugar:** R\$ 2.000,00

As inscrições vão de 1/7/11 até 15/9/11.

Para mais informações, entrar em contato através do telefone (21) 2220-3691 ou pelo e-mail [revista@caer.org.br](mailto:revista@caer.org.br).

Ver regulamento no site [www.caer.org.br](http://www.caer.org.br)

## MENSAGEM dos leitores

**Governador do Estado do Rio de Janeiro Sérgio Cabral** – Agradece a gentileza referente ao envio do exemplar nº 274 da Revista Aeronáutica, parabenizando o Departamento pela continuidade da circulação do nosso veículo (sic) com grande qualidade e crescente número de leitores. Manda votos de estima e consideração.

**Ministro Gilmar Mendes** – Afirma grata satisfação de registrar o recebimento da Revista Aeronáutica de nº 274.

**Cel Cav/Em Roberto Mafra** – Acusa o recebimento de 2 (dois) exemplares da (sic) importante Revista Aeronáutica de nº 274, agradecendo a consideração e a confiança demonstrada pela publicação do seu artigo e informa ainda, que o enviara para vários jornais e revistas, mas somente publicado pela revista do CAER, (sic) demonstrando assim completa independência e total respeito à liberdade de opiniões. Cumprimenta a revista e agradece pela lembrança.

**Orlando Novaes Neto** - *Associado do Clube Militar* – Deixa consignado os seus contatos e agradece por toda a atenção dispensada, como também pela abertura de espaço para comunicação. Manda abraço, sinceros votos de muito sucesso e elevada estima e consideração.

**Senador Cristovam Buarque** – Acusa o recebimento da Revista Aeronáutica e parabeniza pela (sic) iniciativa de propagar a referida revista.

**Presidente da Câmara dos Deputados, em Brasília Marco Maia** – Cumprimenta cordialmente e registra o recebimento da correspondência de 4 de maio, a qual encaminhou o exemplar da Revista Aeronáutica nº 274. Agradece o envio informando que (sic) fará parte do Acervo Bibliográfico da Câmara dos Deputados.

**Senador Romero Jucá** – Acusa o recebimento e agradece o envio da publicação Revista Aeronáutica nº 274, bem como pela oferta para possíveis publicações de artigos de sua autoria.

#### NOTA DO EDITOR

Agradecemos as manifestações dos leitores, acrescentando nossa gratidão aos colaboradores, que valorizam as nossas edições, deixando-lhes aberto espaço para o envio de textos.

Manuel Cambeses Júnior  
Cel Av

Membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, conferencista especial da Escola Superior de Guerra e Conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica  
cambeses01@globomail.com

# Um novo conceito de conflito para o século XXI

LATIFA ECHAKHCH  
Globus

Os atos insanos perpetrados, simultaneamente, por terroristas talibãs, do grupo Al-Qaeda, em 11 de setembro de 2001, nas cidades de Washington e Nova York, fez surgir entre os estrategistas militares, um novo conceito de conflito para o Século XXI: o denominado “Conflito Assimétrico”. Segundo esta nova concepção, os Estados, por mais poderosos que sejam, são vulneráveis a atos terroristas organizados globalmente por entidades não estatais difíceis de serem identificadas e localizadas.

Nenhum manual militar, no mundo oci-

dental, é capaz de indicar como combater o “conflito assimétrico global”. Atualmente, os polemólogos-estrategos e os planejadores militares norte-americanos estão diante deste enorme problema. Ou seja, como dar uma pronta-resposta adequada a uma força terrorista que não somente está no Afeganistão, mas disseminada por vários países, como é o caso do Al-Qaeda e localizar e punir os líderes e seguidores de facções terroristas.

A assimetria do conflito não conseguiu negociar com o regime talibã para que entregasse Osama Bin Laden e seus

auxiliares. A tribo religiosa talibã evadiu-se sem entregar os chefes do Al-Qaeda. Não foi como ocorreu na Sérvia, aonde os bombardeios de Belgrado destruíram a zona industrial e urbana, provocando o colapso da economia, ameaçando a viabilidade do Estado-Nação sérvio criando as condições inteiramente favoráveis à queda e entrega de Slobodan Milosevic.

Os EUA possuem, indubitavelmente, uma força militar que nenhum Estado adversário se atreveria a enfrentar. Porém, na atualidade, o inimigo não é estatal e completamente visível. Nem mesmo o

colapso do regime talibã ou a morte de Bin Laden garantem que o conflito assimétrico seja descontinuado já que o nebuloso grupo Al-Qaeda e outras organizações terroristas islâmicas estão, no momento, adormecidos no seio de muitas sociedades democráticas ocidentais e podem, a qualquer momento, ativarem-se para cometer atos insanos de terror utilizando-se de serviços e tecnologias locais.

O coordenador do Departamento Contra o Terrorismo dos Estados Unidos considera que o Al-Qaeda, na atualidade, opera em mais de 50 países.

Enquanto existir falta de democracia, ressentimento nacional, fanatismo religioso, explosão demográfica e extremada pobreza, qualquer potência ocidental será vulnerável porque suas sociedades democráticas e globalizadas podem ser infiltradas por grupos terroristas que, segundo especialistas da ONU, podem chegar a usar armas químicas e bacteriológicas. Frente a esta nova modalidade de conflito não existem as categorias de megapotência ou superpotência, que somente são válidas para o caso de conflitos armados entre Estados.

Uma das consequências mais interessantes deste “conflito assimétrico” é a mudança dos tradicionais enfoques geopolíticos e geoestratégicos. A Rússia tem se aproximado da OTAN disposta a ajudar os EUA. Recentemente, o presidente russo declarou que a batalha contra o terrorismo islâmico é também de seu país, legitimando, assim, sua dura ação na Chechênia e conseguindo, ainda, que os EUA e a Alemanha solicitem que os rebeldes chechenos deponham suas armas. Ademais, começou a insinuar algo antes impensável, ou seja, que a Rússia poderia ser admitida como membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Com isto, verifica-se que desde o ataque japonês a Pearl Harbor, os Estados Unidos e a Rússia nunca haviam se aproximado tanto em face de um inimigo comum.

Uma das maiores transformações geopolíticas está ocorrendo na Ásia

Central. O Paquistão que claramente apoiava os talibãs inclinou-se para os EUA, distanciando-se, assim, dos guerrilheiros islâmicos que o ajudavam, na Cachemira, contra a Índia. Os EUA, apesar do perigo de uma guerra nuclear entre a Índia e o Paquistão, suspenderam as sanções contra ambos. O Irã, um Estado considerado como terrorista pelos estadunidenses, criticam – veementemente – os ataques terroristas a Nova York e Washington. As ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central: Cazaquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, que se encontravam na zona de influência da Rússia, apoiam, agora, os Estados Unidos. E mais, o Tadjiquistão permitiu que os norte-americanos instalassem uma base militar com tropas especiais em seu território. Antes, por temor à Rússia, isto seria impossível.

A China, tão ciosa de sua influência na Ásia Central, devido aos transtornos advindos de separatistas islâmicos em Sinkiang, aceitou, pela primeira vez na história, a presença militar dos Estados Unidos nessa região. A Ásia Central que não era uma zona de preocupação, desde a época de Gengis Khan, foi convertida em epicentro de uma série de jogos diplomáticos que, fatalmente, terá incríveis consequências estratégicas no futuro.

Outro notável ponto a destacar deste conflito é a nova atitude dos EUA com relação à ONU. A organização voltou a ser importante para o país hegemônico, já que pode servir de instrumento para fomentar uma duradoura coalizão antiterrorista. Consequentemente, a superpotência passou a pagar as suas dívidas com a Organização e tem dado total apoio ao Conselho de Segurança e à Assembleia Geral para que os mesmos se ocupem do terrorismo internacional.

Faz-se mister ressaltar que o conflito assimétrico está mudando a estratégia financeira dos países mais ricos do mundo. Começou-se a combater os antes intocáveis paraísos fiscais e bancários globais que nada mais eram do que “lavadoras” de dinheiro duvidoso. O sigilo bancário

e os principais postos financeiros do mundo começaram a ser questionados. Entabulam-se medidas para estabelecer uma coalizão financeira global para reprimir contas bancárias suspeitas e criar uma eficaz legislação internacional para congelá-las, se for o caso.

Hoje, a mesma ideia de globalização que implica em mover pessoas, bens e serviços, em escala planetária, da maneira mais livre possível, sofre as consequências do “conflito assimétrico”. A mobilidade irrestrita dos fundos financeiros globais começa a ser afetada. Também os controles das fronteiras nacionais, portos e aeroportos, afetam a circulação de pessoas, mercadorias e serviços, dado o rigor que os Estados passaram a exercer no exercício dessas atividades.

Para conseguir êxito no conflito assimétrico não basta a exibição do músculo militar. Necessita-se de enfoques políticos e diplomáticos sofisticados porque o inimigo invisível tem como munição inextinguível um ódio irracional alimentado por interpretações teológicas apocalípticas, que são consequências da falta de diálogo, de democracia, de compreensão e da abundante pobreza.

Por tudo isso, o êxito contra o terrorismo global dependerá, fundamentalmente, de três ações simultâneas por parte da megapotência (Estados Unidos), e das superpotências do mundo ocidental: em primeiro lugar, que se castigue os que cometem terrorismo qualquer que sejam seus motivos, crenças e objetivos. Segundo, que esta luta não afete o avanço da democracia no mundo, a defesa dos direitos humanos e a globalização da Justiça. Terceiro, que se realize – com a urgência que o assunto requer –, um esforço sinérgico e concentrado da Organização das Nações Unidas para terminar com mais de meio século do confronto no Oriente Médio, através da criação do Estado Palestino e, desta forma, consiga-se desmantelar o principal indutor da violência, frustração e fanatismo que estão alimentando este novo tipo de conflito, no alvorecer deste Século XXI ■

# A VIRTUALIDADE DO INFERNO

Afonso Farias de Sousa Júnior  
Cel Int/EMAER  
Professor e Administrador – PhD  
afonsofariasjunior@gmail.com

O homem presenciou o primeiro voo do avião, participou de duas grandes guerras mundiais, viu a Revolução Russa, passou por colapsos político-econômicos, assistiu à chegada do primeiro humano na lua, derrubou o Muro de Berlim, aderiu à Internet e conheceu a primeira clonagem biológica, a qual foi realizada em uma ovelha. Tudo isso aconteceu no século XX.

Já no século XXI, a força dos fatos impõe-se ao próprio evento. Iniciou-se o novo século com um ataque terrorista aos EUA. Em 2001, a Al Qaeda foi responsável por assassinar quase três mil pessoas... Todos inocentes, não estavam em combate. Parece que faltou integração na gestão dos órgãos de inteligência yankees e providências tempestivas e eficazes.

Em 2004, um tsunami matou 220.000 pessoas na Indonésia, Tailândia e países vizinhos. Foi um evento natural devastador. Penalizou e paralisou o planeta. Como se precaver de um evento dessa magnitude? Sabe-se que há tecnologia para isso. Novamente, faltaram zelo e ação governamental naqueles governos.

Em 2008, um forte terremoto abalou a China. Mais de 87.000 pessoas mortas/desaparecidas. Outra vez o mundo chocou-se, parou e moveu-se em solidariedade aos necessitados. Onde estava o governo chinês? Não foi o primeiro terremoto de alta magnitude naquele país. Em 1976, a cidade industrial de Tangshan (a 200 quilômetros de Pequim) foi devastada por um terremoto de magnitude 7,8 na escala Richter. Segundo balanço oficial de Pequim, 242.000 pessoas morreram e 164.000 ficaram gravemente feridas. No entanto, os especialistas ocidentais afirmavam ser 700.000 o número de vítimas.

Ainda em 2008, foi eleito o primeiro presidente negro dos EUA. Barack Obama criou-se globalmente, é grande orador e incentivador da autoestima dos nativos daquele Estado. Assumiu o país em meio a uma crise econômica de grande intensidade, só comparada à crise de 1929. Muitos trabalhadores perderam dinheiro, emprego e mergulharam no colapso imposto pelos conglomerados gigantes (falidos) que comandavam a estabilidade dos fluxos, processos e procedimentos imobiliários/financeiros dos EUA.

Em 2010, foi eleita a primeira mulher para a presidência da República. A filha do búlgaro-brasileiro Pétar Roussef, Dilma Roussef, assumiu o Executivo em janeiro de 2011. Choveu muito em Brasília naquele dia... O que isso quer dizer? Alegria ou tristeza? Confusão e instabilidade política... Ou mais desenvolvimento e uma lupa para enxergar os cidadãos? Todas as alianças e alinhamentos políticos para eleger a atual presidente servem a quem? As elites do Brasil, as autoridades de plantão, os movimentos corporativistas dos políticos para que servem, atuam em nome de quem e para quem?

Logo em janeiro de 2011, a presidente enfrentou seu primeiro grande desafio. A tragédia Serrana no Rio de Janeiro. Mais de 1.500 mortos e desaparecidos. Descasos, destruição e desastre. Por onde andavam as autoridades responsáveis por zelar pelo bem-estar da população? Como estava estruturada a Defesa Civil nas cidades de Teresópolis, Petrópolis, Nova Friburgo e outras que foram afetadas pelas chuvas na região? E o órgão de meio ambiente responsável pelas autorizações de assentamentos na área? As prefeituras nada sabiam sobre a potencialidade da tragédia?

E as autoridades do Estado carioca ficaram surpresas com o evento catastrófico?

O que há de diferente? Nada. Os governos mudam para consolidar as estruturas oligárquicas internacionais superiores (EOIS) configuradas durante anos de poder. Mudam-se os líderes no poder local, regional, internacional, mas o comando do poder sistêmico permanece ativo e controlador dos governos, empresas e pessoas.

Os pobres sofrerão mais ainda com o avançar do século. A classe média será oprimida. Os ricos poderão fazer mais fortunas. E o poder central – as EOIS – governará pelo exercício da sua conectividade e capilaridade globais. Esse é um dos efeitos perversos da globalização.

As tragédias supramencionadas ainda continuarão acontecendo. O descaso dos governos pelo socioambiental é imenso e as medidas tomadas são pirotécnicas, aleatórias e, muitas vezes, irresponsáveis. Ainda bem que o terrorismo tradicional ainda não apareceu em nosso País. Caso ele instale-se por aqui, não se precisará ir para o inferno, condicionadores de ar serão implantados na grande sauna que se tornará o Brasil. Alguma autoridade, nos dias de hoje, poderá – com certeza – propor isso. Portanto, para baixar a temperatura, faz-se compulsório incrementar mais precaução e agir de forma integrada e preventivamente... O povo brasileiro espera por isso. As autoridades do Executivo e do Legislativo podem definir essas questões, pois há profissionais competentes e criativos nas diversas áreas. Só vontade política não basta, são necessárias as pertinentes ações executivas, para que a eficácia desejada seja encontrada. Ainda há futuro... ■

# REAL

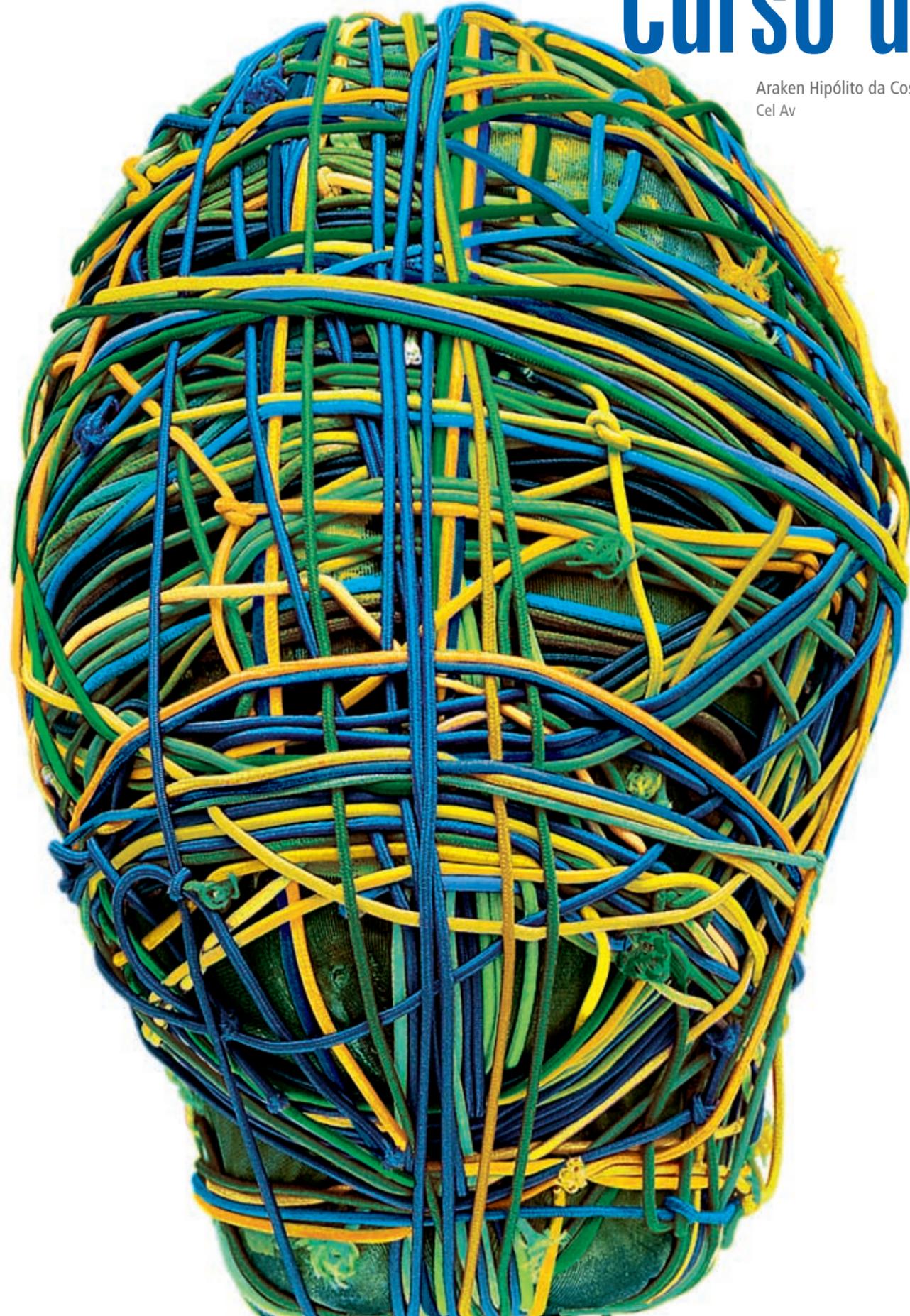


LUO ZIDAN  
Half White Collar,  
Half Peasant

# COLAPSOS DO NOVO SÉCULO

# Curso do

Araken Hipólito da Costa  
Cel Av



# Pensamento Brasileiro no Ministério da Defesa

O pensamento humano tem várias esferas de atuação, as quais, por meio do ensino, podem ser otimizadas. O presente trabalho visa incorporar no Ensino Aeronáutico uma destas esferas do pensamento, mais propriamente como modelo de compreensão da importância dessa nova inserção no Ministério da Defesa.

Como exemplo, apresentamos os dois gráficos abaixo. O primeiro trata dos Cursos de Carreira dos Oficiais da Aeronáutica; no segundo, visualizaremos a inclusão da nova proposta.

No curso atual da AFA foi incluído o bacharelado em Administração. Além disso, devemos considerar as grandes transfor-

mações na área de informação tecnológica e a velocidade das trocas de conhecimento. Assim, deduzimos que o Curso de Aperfeiçoamento deve ser cancelado.

No entanto, neste mesmo momento da carreira, o oficial faria o Curso de Comando e Estado-Maior.

A antecipação do Curso de Comando e Estado-Maior no plano de carreira proporcionaria aos oficiais mais jovens capacidades que melhorariam a operacionalidade da Força, caracterizada pela Fase Estratégica.

Dando prosseguimento ao entendimento acerca do gráfico 2, no exato momento da chegada do Oficial à Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR), ele seria incluído no Curso de Política e

Estratégias Aeroespaciais (CEPEA), também antecipando estas qualificações e permitindo a atuação na Fase Política.

Chegamos, então, ao último curso da carreira, que seria a coroação da preparação, através da aplicação daquela outra esfera do pensamento, citada no início deste trabalho, isto é, o Curso do Pensamento Brasileiro, caracterizado pela fase criativa.

Não obstante o Ensino Aeronáutico ser utilizado como paradigma, podemos correlacioná-lo aos da Marinha e do Exército, guardando as suas próprias especificidades.

No entanto, este estudo não pretende fechar-se nas Forças Singulares, mas ampliá-lo, também, aos interesses do Ministério da Defesa, até porque, só com a integração de todos aqueles que compõem o Sistema de Defesa Nacional, seu aproveitamento seria verdadeiro e completo.

O Ministério da Defesa poderá aproveitar os cursos das Forças Singulares para incluir os elementos civis do Ministério que necessitam de aprimoramento no nível adequado.

Outro fator fundamental é a participação da Escola Superior de Guerra (ESG), visto que o curso por ela ministrado guarda semelhança com o Curso de Política e Estratégias Aeroespaciais (CEPEA), o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEX) e o Curso de Política e Estratégia Marítimas (CPEM). No caso em tela, seria uma revolução curricular na ESG, obrigando-a a adaptar-se a um novo conteúdo com a inclusão do Curso do Pensamento Brasileiro em seu seio. O primeiro choque de aceitação será a concepção do curso, visto que não tem o caráter doutrinário e nem aplicação de uma metodologia. A ESG

Gráfico 01

FLUXOGRAMA DO QOAV								
T.S.V.	1	5	13	20	28			
POSTO	CAD.	ASP	2º E 1º Ten.	Cap.	Maj.	Ten. - Cel.	Cel.	
CE	AFA	GITE	OPERATIVO	EAOAR	ADMINISTRATIVO	ECEMAR	ESTRATEGICO	
CURSO	CPQAV	CTATAE		CAP		CCEM		POLITICO
FAIXA ETARIA	17 23	21 27	29 35		36 42		44 50	

T.S.V. → Tempo de Serviço

Gráfico 02

FLUXOGRAMA DO QOAV								
T.S.V.	1	5	13	20	28			
POSTO	CAD.	ASP	2º E 1º Ten.	Cap.	Maj.	Ten. - Cel.	Cel.	
CE	AFA	GITE	ADMINISTRATIVO	EAOAR	ESTRATEGICO	ECEMAR	POLITICO	
CURSO	CPQAV	CTATAE		CCEM		CEPEA		CRATIVO
FAIXA ETARIA	17 23	21 27	29 35		36 42		44 50	

T.S.V. → Tempo de Serviço  
CE → Organização de Ensino

nasceu em um período autoritário, necessário na época, mas sem sentido hoje, onde os valores da democracia e da sociedade brasileira permitem consolidar uma nação sem divisões ideológicas.

Urge, perceber o crescimento econômico, político e social do Brasil no contexto das nações, para, então, compreender e aceitar a necessidade de aprofundamento pelo estudo do Pensamento Brasileiro, a fim de servir de orientação ao destino nacional.

Elaboramos uma síntese sobre o Pensamento Brasileiro com objetivo de entendê-lo, bem como iluminar a base do conteúdo do curso em questão.

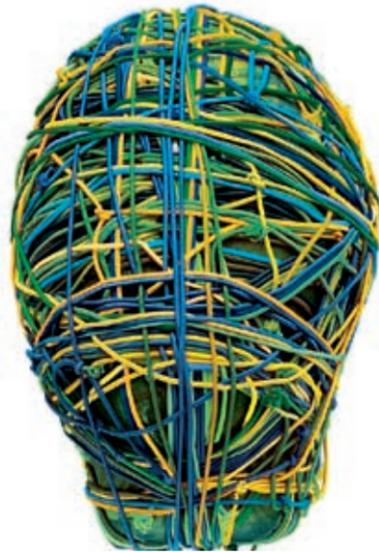
Expressar a essência do pensamento brasileiro não é, certamente, uma tarefa simples, mas a presente tentativa tem por objetivo servir como uma aproximação ao tema, como um meio para facilitar e estimular seu aprofundamento.

Em poucas linhas, é possível dizer que o pensamento brasileiro nasce, propriamente, no século XVIII, com as ideias do Marquês de Pombal, que procurava transformar o chamado “saber de salvação”, no ensino da Universidade de Coimbra, em um saber, de fato, científico. Estes primeiros parâmetros acabaram por orientar o desenvolvimento das instruções estratégicas do “Novo Mundo”.

Outro aspecto relevante a ser destacado foi o encontro de culturas em nosso território. Chegando nestas terras, o conquistador português já encontrou o povo indígena, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada um destes povos, somadas, gerou uma verdadeira “miscigenação cultural”, que hoje perfaz concretamente a nossa cultura brasileira.

Além desta experiência singular e bela da miscigenação, dois fatores muito importantes alicerçaram as bases da nascente civilização: o primeiro foi a determinação de se manter um território indiviso; o segundo, a necessidade de se preservar a unidade da língua trazida pelo colonizador.

A partir da Escola do Recife (século XIX), inicia-se, com Tobias Barreto, uma corrente filosófica nitidamente brasileira, o



“culturalismo”. Esta corrente sugere que o homem, através das potencialidades da cultura, viabilize a necessária integração com o mundo científico. Tal pensamento permeou a construção do pensamento brasileiro, unindo matizes do positivismo, do liberalismo e do idealismo kantiano ao âmbito da moralidade, alicerçada, por sua vez, a partir de fundamentos oriundos do Cristianismo. Desta interrelação de correntes nasceu o pensamento filosófico brasileiro.

Tal pensamento perpassa, na História do Brasil, o Império, a República, a Guerra do Paraguai, o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, A Semana de Arte Moderna e tantos outros momentos históricos, marcados pela superação de conflitos. Essa superação delineou, também, a formação do espírito do brasileiro, tão bem sintetizado por Cassiano Ricardo, como sendo o espírito do “homem cordial”.

O pensamento nacional é, em suma, erigido pelo seu valor universal. Nisto reside sua força e sua presença junto aos outros povos. Assim sendo, a alma cordial de nosso povo tem sido, no transcurso do tempo, um exemplo de diplomacia, tolerância e entendimento para todas as culturas, credos e povos.

Estudar o pensamento brasileiro nos permite tomar consciência gradativamente do que é de fato “ser brasileiro”, além de nos estimular a preservar a cultura e os valores nacionais, partes singulares da nossa brasilidade, daquilo que nos constitui como nação.

Este entendimento conduz, naturalmente, à prevalência da ideia de Nação sobre a ideia de Estado, porque nos enca-

minha para um sentido existencial nacional, impedindo que o Estado queira, porventura, tentar destruir, dividir ou esfacelar a nossa brasilidade.

Após essa síntese, podemos destacar que o curso vai se estruturar para atender a complexidade inerente ao conteúdo, em princípio, tendo um currículo mínimo, com os seguintes campos/áreas:

Filosofia (Geral, Política, Metafísica, Civilização Brasileira), Religião (Filosofia da Religião, Ética), Artes (Ópera, Folclore, Literatura, Cinema, Música, Artes Plásticas, Teatro), Ciência (Diplomacia, Antropologia, Geopolítica, Comunicação, Economia, História, Direito, Sociologia, Física) e Guerras (II Guerra Mundial e a presença brasileira, Guerra do Paraguai).

O curso teria a finalidade de ressaltar a tomada de consciência de ser brasileiro e a preservação da cultura brasileira, alicerçada pela unidade da língua e da miscigenação racial, cujo sentido de brasilidade harmoniza povos e credos e mantém a integração nacional.

Os objetivos gerais do curso seriam proporcionar aos alunos condições de aprendizagem que lhes permitam:

- Aprimorar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação acadêmica e/ou profissional;
- Estimular a participação na sociedade e a capacidade de comunicação oral e escrita; e
- Compreender a prevalência da Nação sobre o Estado.

O curso terá um arcabouço não dogmático, com uma posição livre aos temas abordados e, ao mesmo tempo, não será implementada nenhuma metodologia, visto que o nível dos participantes já pressupõe uma capacidade de ordenação do seu pensamento e de seus trabalhos.

A produção intelectual do corpo discente será cobrada em artigos, publicações e palestras.

Creio que esta proposição mantém a nossa tradição do Ensino Militar, incorpora os civis ao Ministério da Defesa e nos une ao pensamento nacional ■

# A NOVA “UNIÃO SOVIÉTICA” (ISLÂMICA)

Reis Friede

Desembargador Federal e ex-Membro do Ministério Público.  
Mestre e Doutor em Direito e Autor de mais de 30 obras  
sobre Direito e Segurança Internacional  
rfriede@trf2.gov.br

**A** ingenuidade irresponsável de BARACK OBAMA, – quase em uma copilação histórica do desastroso governo HENRY TRUMAN (1945-1952) –, vem logrando *reeditar*, – não obstante as naturais limitações comparativas com supostos paralelos históricos –, as mesmas ações (ou inações) que conduziram, em grande medida, a consolidação do *comunismo expansionista*, com centro irradiador na extinta União Soviética, e os consequentes 50 anos de guerra fria.

Trata-se do fortalecimento e consolidação do *islamismo radical*, com foco na reconstrução do Império Persa que, guardadas as devidas proporções, já sinaliza o ressurgimento de uma nova “União Soviética”, no sentido da caracterização de um novo e indesejado *desafio* para a paz mundial.

Superados todos os obstáculos para a construção de seu impressionante *poderio*

*bélico*, – tal como sucedeu, no caso da URSS, logo após a rendição alemã –, o Irã será o grande e único beneficiário do *vácuo* político resultante da degradação dos regimes ditatoriais moderados, em sua maioria pró-ocidente, existentes em grande parte do atual Oriente Médio, mesmo incluído o adversário regime sírio, considerado, por muitos, como aliado ocasional do regime iraniano.

Com o iminente isolamento da Arábia Saudita sunita e dos pequenos Emirados que lhe são próximos e com o previsível desastre no Afeganistão, – adicionado a capacidade estratégico nuclear de dissuasão iraniana que estará, em breve, plenamente operacional –, não existirá mais qualquer obstáculo ao nascimento de uma nova superpotência militar com extensa projeção de poderio sobre todo o Oriente Médio e com efetiva capacidade de rivalizar, ainda que pontualmente, com o *poderio norte-*

*americano*, mormente quando as lideranças políticas de Washington continuam preocupadas, quase que exclusivamente, em fortalecer a *Índia* como possível elemento de contensão à emergência silenciosa, de natureza econômico-militar, da China.

Por efeito, é cedo concluir que, tal como ocorreu em 1979, com a queda do regime político implantado por REZA PAHLEVI, – incentivada pela leviana política de defesa dos direitos humanos do governo JIMMY CARTER –, os *regimes ditatoriais* do Oriente Médio não serão simples e automaticamente substituídos por desejadas *democracias pluralistas*, até porque a *concepção estrutural de soberania* destes países é nitidamente *teocrática*, afastando, por si só, a existência de um pretensu caminho abreviado para a radical transformação dos pilares ideológicos destas sociedades, mesmo considerando toda a plenitude do poder das novas tecnologias digitais ■



ROBERT GOBER  
Untitled Leg

# ATIVISMO JUDICIAL E O EQUILÍBRIO E HARMONIA DOS PODERES (UNIÃO ESTÁVEL DE HOMOSSEXUAIS)

O Supremo Tribunal Federal decidiu, em 05/05/2011, que a união entre dois homens ou duas mulheres de natureza afetiva gozará do mesmo *status* da união estável entre um homem e uma mulher, a qual, pela Constituição, artigo 256, § 3º, é considerada entidade familiar.

Nada obstante, os constituintes não terem elevado a união homossexual a tal nível, nada obstante o direito privado dar-lhes garantias próprias de uma união de fato, a Suprema Corte outorgou-se o direito de substituir o Congresso Nacional e a Constituinte, legislando sobre a matéria e acrescentando ao texto da Lei Maior que, também, a união “estável” entre um homem e um homem ou uma mulher e uma mulher conformam entidade familiar.

Apesar de ser esta a posição atual do Pretório Excelso, inúmeros juristas têm tecido considerações de natureza jurídico-constitucional discordando de tal interpretação, entre elas destacando-se a do eminente professor de direito constitucional, Lenio Streck que em entrevista ao Estado de São Paulo (06/05/2011) declarou: “*Isso é o espaço para discussão do legislador, como se fez na Espanha e em Portugal. Lá esse assunto foi discutido pelo Parlamento. O Judiciário neste ponto não pode substituir o legislador*”.

Neste artigo, pretendo exclusivamente ofertar a minha interpretação da Constituição Federal, para que o leitor possa conhecer os argumentos daqueles que entendem que a união homossexual não constitui uma família, por ter sido esta a vontade do constituinte, ao promulgar a Constituição em 05/10/1988.

Entendo que a corrente dos constitucionalistas, que se opõe ao ativismo judicial (o Judiciário substituindo por auto-outorga de poderes o Legislativo), à qual me filio, está com a razão, pois apenas o Congresso Na-

cional, com poderes constituintes derivados (duas votações com 3/5 de senadores e deputados decidindo a favor) pode introduzir qualquer modificação na lei suprema.

Alegou-se, em tese hospedada por alguns Ministros desta Corte, que a não concessão dos mesmos direitos às uniões de pessoas do mesmo sexo em relação àqueles que têm os de sexo oposto, feriria a dignidade humana (art. 1º, inciso III da CF), a igualdade de cidadania (5º, caput), a segurança jurídica (5º caput) e a liberdade (art. 5º caput).

Vejam-se tais princípios foram feridos à luz da Constituição Federal.

Claramente, o princípio da dignidade humana não se encontra ferido pelo tratamento que até o presente vem sendo dado à união entre dois homens e duas mulheres, que, por opção sexual, podem se unir, celebrar um contrato à luz do direito civil com previsão de obrigações e direitos mútuos, inclusive de natureza patrimonial, o que a Constituição não proíbe. Não há mácula, pois, à dignidade humana neste caso, por todos reconhecida, como própria do ser humano e que independe de sua opção sexual.

Nem se tisa, por outro lado, o princípio da liberdade, já que o próprio reconhecimento de que poderão contrair obrigações e deveres, viver juntos, participar socialmente de qualquer reunião, cursar qualquer universidade ou ter qualquer emprego, mostra que sua liberdade de escolha homossexual em nada é manchada pela lei civil, genericamente considerada, nem pela lei suprema.

E, em relação à segurança jurídica, têm os pares de homens com homens e mulheres com mulheres a mesma segurança de qualquer cidadão e de qualquer casal.

O outro argumento mencionado é que merecerá maiores considerações,

pois é aquele que merece reflexão mais aprofundada.

O respeito à dignidade humana e a liberdade de união dos pares de homens e homens ou mulheres e mulheres é que não justifica que se considere que tais uniões sejam iguais àquelas constituídas por um homem e uma mulher.

São diferentes, jurídica e faticamente, sem que esta diferença represente qualquer *capitis diminutio* na dignidade dos seres humanos, que optaram por uma união entre iguais.

A diferença reside em que são pares que, biologicamente, não podem gerar filhos, o que não ocorre com os casais constituídos por um homem e uma mulher. A união sexual de dois homens é impossível de gerar prole, como também a união sexual de duas mulheres. Podem externar nesta união afeto, mas A GRANDE DIFERENÇA é que NÃO PODEM GERAR FILHOS de sua relação sexual.

Ora, dizer que, perante a Constituição, são iguais uniões que são biologicamente diferentes, tendo em vista que somente a que ocorre entre um homem e uma mulher é capaz de garantir a perpetuação da espécie, constitui, de rigor, uma falácia. Se todos os homens se unissem com outros homens e todas as mulheres se unissem com outras mulheres, sem utilização de qualquer artifício (inseminação artificial), a humanidade se extinguiria!

Há, pois, nítida diferença biológica e jurídica entre os casais de homens e mulheres e aquelas uniões entre homens e homens e mulheres e mulheres. E a diferença – capacidade de gerar prole pelos meios naturais – é tão essencial e de tal magnitude, que impede a equiparação.

E, neste aspecto, é que reside, a meu ver, a razão de ser do capítulo da família na Constituição, já agora passando a des-

vendar a questão referente ao artigo 1723 do Código Civil assim redigido:

“Art. 1.723. *É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família.*”

Tenho entendido, em vários escritos, que o mais relevante princípio da Constituição, depois do direito à vida, é a proteção à família.

Assim não fosse, não teria o constituinte com particular ênfase, declarado, no caput do art. 226, que a família é a base da sociedade:

“Art. 226. *A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado*” (grifos meus).

Do dispositivo duas considerações essenciais podem ser tiradas, ou seja, que:

- a) sem família não há Estado e, por esta razão, o Estado deve dar
- b) especial proteção à família.

A proteção é de tal ordem, que o casamento passa a ser o ideal maior do Estado, não só ao permitir sua celebração gratuita:

“§ 1º - *O casamento é civil e gratuita a celebração.*”

como ao dar ao casamento religioso efeito civil:

“§ 2º - *O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.*”

Como se vê, os dois parágrafos acima deixam nítido que, para dar maior estabilidade à “base da sociedade”, o casamento é o desiderato maior do Estado. Pretendeu o constituinte – e a maioria esmagadora entende que constituinte originário – dar o máximo de estabilidade possível à constituição da família e à prole nela gerada pela segurança do casamento, nivelando o casamento religioso ao civil, nos termos da lei.

Compreende-se tal escopo. É de se lembrar que, hoje, na maioria dos países europeus, todos os governos estão a incentivar o aumento das proles familiares, com benefícios de toda a natureza. Ora, tal não é possível, sem métodos artificiais, pela

união de um homem com um homem ou de uma mulher com uma mulher.

Simone Veil, quando presidiu o Parlamento Europeu, em célebre frase, afirmou que “os europeus tinham aprendido a fabricar tudo, mas esqueceram de ‘fabricar’ europeus”.

Esta é a razão pela qual o casamento religioso tem o mesmo *status* do casamento civil e, nas grandes religiões, aquelas que mudaram a história do mundo, segundo Toynbee, no livro “Um estudo da História”, o casamento religioso SÓ PODE OCORRER ENTRE UM HOMEM E UMA MULHER.

A família, pois, decorrente da união de um homem com uma mulher, que biologicamente pode gerar proles que dão continuidade à sociedade, no tempo, é que o constituinte pretendeu proteger, a meu ver, sendo todos os dispositivos referentes à entidade familiar, cláusulas pétreas, pois dizem respeito aos direitos individuais mais relevantes, ou seja, de perpetuação da espécie e de preservação do Estado.

Sensível, todavia, à realidade moderna de que muitas uniões entre casais (homens e mulheres) não ganham o patamar de casamento, houve por bem, o constituinte, reconhecer tal união – sempre entre homem e mulher – como “entidade familiar”, mas, demonstrando, mais uma vez, a relevância do matrimônio, declarou que o Estado tudo faria para transformar aquela “união estável” em “casamento”, como se lê no artigo 226, § 3º:

“§ 3º - *Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento*” (grifos meus).

Ainda aqui se percebe nitidamente, os dois objetivos primordiais de preservar a família como base do Estado, capaz de dar perpetuidade ao Estado e à sociedade, garantindo a união estável entre UM HOMEM E UMA MULHER, como entidade familiar.

E a prova mais inequívoca de que foi esta a intenção do constituinte – e este o princípio constitucional – está em que, na sequência, o § 4º declara:

“§ 4º - *Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.*” (grifos meus).

Ora, qual é o descendente naturalmente gerado pela união entre um homem e um homem e uma mulher e uma mulher? Sem artificialismos genéticos ou técnicas médicas utilizando espermatozoides ou óvulos de terceiros, são incapazes de gerar DESCENDENTES.

Compreende-se, também, o intuito do § 4º do art. 226, ou seja, reconhecer outra realidade: pela morte ou separação conjugal, pode um dos cônjuges ter que sustentar sozinho seus descendentes, não deixando de ser, portanto, uma entidade familiar, o cônjuge remanescente e seus filhos.

Parece-me que o § 4º unido ao § 3º do artigo 226 demonstra, claramente, a impossibilidade de se considerar unidade familiar a união entre homens e homens e mulheres e mulheres, que não podem *Motu Proprio* gerar descendentes e que mantêm, biologicamente, um relacionamento sexual diferente daquele que caracteriza a união entre um homem e uma mulher.

O próprio § 5º assim redigido:

“§ 5º - *Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.*”

Reforça a inteligência que tenho do dispositivo.

Ainda aqui só se fala em homem e mulher, em meridiana demonstração de que homens e mulheres são iguais na condução da própria família.

Da união de pessoas de sexo diferente – e exclusivamente dela – cuidou o constituinte, deixando às uniões homossexuais – É DIFERENTE A UNIÃO, por opção sexual, não geradora de prole – o direito a outras alternativas para alcançar a segurança jurídica, mas não a de ter *status* de unidade familiar.

Tanto é diferente que o Governo, por sua Secretaria dedicada aos Direitos da Mulher, entende não ser aplicável a lei “Maria da Penha” à agressão de um

homem a um outro homem, numa união homossexual.

E, à união surgida desta forma de opção sexual – que não é a opção natural da maioria esmagadora das pessoas, em que a atração física é capaz de gerar prole –, o Estado pode garantir direitos e obrigações. Pode dar-lhe *status* de uma união civil, de obrigações mútuas, mas não de família, aquela que constitui a base da sociedade capaz de gerar sua perpetuação.

Ora, o artigo 1723 do Código Civil, reproduz, claramente, o que está na lei suprema e sua dicção, em nada, difere daquela exposta na lei suprema.

Nem há que se falar de interpretação conforme, visto que o que decidiu o STF foi um acréscimo ao texto para nele abrigar situação nele não prevista, o que difere, a meu ver, do que se entende por interpretação conforme. Essa modalidade de controle concentrado implica retirar de um texto abrangente situação que, se por ele fosse abrangida, representaria uma inconstitucionalidade. É que, levando em conta a pretendida distinção entre “inconstitucionalidade sem redução de texto” e “a interpretação conforme”, se admitisse nesta, o acréscimo de hipóteses ao texto legal não produzidas pela lei, estar-se-ia, de rigor, transformando o Poder Judiciário em Poder Legislativo.

Mesmo para os constitucionalistas, que consideram a interpretação conforme como desventuradora de situação implícita, contida na norma – por isto distinguem-na daquela sem redução do texto –, não se pode admitir que esta revelação do “não expresso” represente ALARGAMENTO DA HIPÓTESE LEGAL sem autorização legislativa.

Para mim, na interpretação conforme, o texto contém mais do que deveria conter. Por esta razão o que está a mais é retirado sem alteração do texto, a fim de que o Judiciário não se transforme em legislador positivo.

Em conclusão, o texto constitucional contém rigorosamente o que deveria conter, e o que o Supremo Tribunal Federal

fez foi acrescentar ao texto situação não prevista nem pelo constituinte, nem pelo legislador, transformando o Pretório Excelso em autêntico constituinte derivado, ou seja, acrescentando disposição constitucional que o constituinte originário não produziu. Em outras palavras, sem o processo das duas votações nas duas Casas, com 3/5 de todos os segmentos do povo, a Suprema Corte, criou norma constitucional inexistente, acrescentando situações e palavras ao texto supremo, que, como acabo de mostrar, jamais foi intenção do constituinte acrescentar.

Ainda em outros termos, o Congresso Nacional eleito por 130 milhões de brasileiros e com poder de alterar a Constituição pelo voto de 3/5 de sua composição, em dois escrutínios, foi substituído por um colegiado de 11 pessoas eleitas por um homem só!

Nada obstante, a decisão do Supremo Tribunal Federal, que impõe a todo o Judiciário que seja seguida, considero que a correta interpretação é aquela aqui exposta e que representa, também, a inteligência de inúmeros juristas. Dizia, com o respeito devido, Santa Catarina de Sena aos Cardeais de sua época, quando erravam: “Vossas Eminências cometem eminentíssimos erros”. Infelizmente, sou obrigado a dizer dos Ministros da Suprema Corte: “Vossas Excelências cometem excelentíssimos erros”.

Concluo, finalmente, transcrevendo parte de recentíssima decisão do Conselho Constitucional da França de 27/01/2011, em linha, a meu ver corretíssima e em franca oposição à do órgão máximo da Justiça Brasileira:

“9. *Considerando de outra parte que o artigo 6 da Declaração de 1789 dispõe que a lei deve ser a mesma para todos, seja quando ela protege, seja quando ela pune: que o princípio da igualdade não se opõe a que o legislador que regule de maneira diferentes situações diferentes, nem a que se derogue a legalidade por razões de interesse geral, visto que, em um ou outro caso, a diferença de tratamento de*

*que daí resulta seja vinculado diretamente ao objeto da lei que o estabelece; que, no momento, o princípio segundo o qual o casamento é a união entre um homem e uma mulher, o legislador tem, no exercício da competência que lhe atribui o art. 34 da Constituição, considerando que a diferença de situação entre casais do mesmo sexo e casais compostos de um homem e de uma mulher podem justificar uma diferença de tratamento quanto às regras do direito de família; que não cabe ao Conselho Constitucional de substituir sua apreciação àquela do legislador, sob o prisma, nesta matéria, desta diferença de situação; que, por consequência, a pretendida maculação do artigo 6 da Declaração de 1789 deve ser descartada;*

10. *Assim sendo, pois, que disto resultou de que no que concerne a limitação que atenta contra a liberdade de casamento deve ser afastada;*

11. *Concluindo que as disposições constantes são contrárias a nenhum direito ou liberdade que a Constituição garante;*

*Decide:*

1) *A letra última do artigo 75 e o artigo 144 do Código Civil (união entre homem e mulher) estão conformes a Constituição;*

2) *A decisão será publicada no jornal oficial da República Francesa;* (grifos meus).

São Paulo, Maio de 2011.

IGSM/mos/a2011-041-2 ATIVISMO JUD E O EQUIL E HARMONIA DOS POD – UNIÃO ESTÁVEL HOMOSSEX – ADAP PAR CNBB ■



# O NORDESTE E O CANGAÇO

Há momentos nos quais a realidade da vida se apresenta com bastante complexidade. Vamos nos deter em períodos históricos que envolveram a política regionalista do Nordeste, tão ignorada pelo grande público. Seu conhecimento é básico para o entendimento da importante participação desta região na formação da nacionalidade brasileira. Os fatos se reportam aos episódios repletos de heroísmo e valentia por parte de homens que se destacaram como verdadeiros líderes do seu povo.

Iniciamos pela chamada “Insurreição Pernambucana”, que culminou com a expulsão dos holandeses (1624 – 1654) nas batalhas dos Guararapes, quando surgiu uma consciência patriótica desencadeada por este movimento nativista. Cabe lembrar que a Holanda era uma potência de primeiro mundo. Sendo assim, era preciso criar, para a luta, uma nova modalidade de guerra – “A GUERRA BRASÍLICA” –, com o emprego de companhias de emboscadas. Destacaram-se as figuras de Matias de Albuquerque, de

João Fernandes Vieira, de Antônio Felipe Camarão – o índio Poti – do negro Henrique Dias e do estrategista em guerrilhas o paraibano André Vidal de Negreiros.

Anos mais tarde o movimento nativista frutificou, chegando a vez dos portugueses, com a eclosão da revolução pernambucana em 1817, onde surgem outros atores, como o padre Miguelinho, o padre Roma, o frei Caneca, José de Barros Lima – “O Leão Coroado” – e o jovem paraibano José Peregrino Xavier de Carvalho.

A Maçonaria e a Igreja tiveram uma participação exemplar pelas suas lideranças tanto em 1817 quando na revolução nativista de 1824.

Logo após a independência do Brasil (1822), D. Pedro I teve de enfrentar a revolta das províncias nordestinas em 1824, desta vez republicana e separatista.

Pernambuco contava com a adesão da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, na formação da “Confederação do Equador”, cuja bandeira tinha os seguintes dizeres: “Independência, União, Liberdade e Religião”.

Agora vamos ao sertão, região de difícil sobrevivência e com péssimas condições econômicas e sociais do homem, provocadas pelo clima e ausência do poder do Estado.

Surgia, em consequência, no sertão, nos idos de 1897, um andarilho que arrastava por onde passava grande quantidade de seguidores. Um homem de muita religiosidade e carisma e possuidor de um enorme poder místico era Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antônio Conselheiro, por distribuir conselhos a um povo simples, rústico e ignorante. Quis o destino que esse homem formasse o império do Belo Monte, na região do arraial de Canudos, às margens do rio Vaza Barris, no nordeste da Bahia.

Conselheiro, em seu movimento messiânico, pregava contra os pecados da república, que criara o casamento civil, separava a igreja do estado e cobrava impostos de uma população miserável.

O povo que seguia Conselheiro era constituído pelos excluídos da sociedade, pelos santarrões rezadores e até por cangaceiros convertidos às suas ideias. Não se podia prever que a pacata e conformada

alma sertaneja partisse para a violência, enfrentando as forças policiais baianas e quatro expedições do Exército Nacional, em lutas sangüinárias, que durariam dois anos.

As dificuldades em derrotá-los consistiam no desconhecimento do terreno pela tropa, dificuldades de logística e o descrédito em relação ao valor dos jagunços. Nas investidas das forças governamentais, em vez de deprimidos, os sertanejos se tornavam cada vez mais fortes e determinados, sustentados por uma fé religiosa que chegava as raízes do fanatismo.

Outra personagem muito referenciada no Nordeste é a do Padre Cícero Romão Batista (1844 – 1934) pela dedicação prestada a sua gente bastante sofrida em razão das secas, fenômeno climático cíclico que atingiu o sertão nos anos de 1877/78/79 e 1915.

O Padre Cícero foi perseguido e até excomungado pela sua Igreja, o que não impediu que, até os dias de hoje, o povo, nas romarias à Juazeiro do Norte, considerada a “Meca do Nordeste”, grite em alto e bom som – “VIVA MEU PADIM CIÇO”.

Mais recentemente (1930), grave turbulência acontece, desta vez, na Parahyba do Norte. João Pessoa, Presidente do Estado, na formação da chapa para senadores e deputados, sacrifica a candidatura de João Suassuna, ocasionando a ruptura das oligarquias políticas contra o seu governo. O Coronel José Pereira Lima, deputado estadual por quatro vezes, comerciante e fazendeiro, era um líder na região da cidade de Princesa, no alto sertão paraibano e distante 400 km da capital. Zé Pereira rompe com João Pessoa e proclama o “território livre de Princesa”, criando uma constituição, jornal, bandeira e hino, enfrentando a Polícia Estadual com o emprego de tática de guerrilhas durante cinco meses.

No pretexto da procura de armas, a polícia invade a residência de João Dantas, de prestigiosa família da cidade de Teixeira e amigo de Zé Pereira.

João Dantas que possuía um temperamento corajoso e aguerrido não aceita passivamente a violação do seu escritório na Capital.



João Pessoa não rezava por cartilha diferente, sendo um homem de grande teimosia e coragem.

João Dantas por se julgar atingido em sua honra assassina a tiros, na Confeitaria Glória no Recife, o Presidente do Estado da Parahyba. A desavença leva, além das razões políticas, um cunho de crime passionai, por estar envolvida a pessoa da sua companheira, Ana Beiriz, cuja vida particular foi escancarada publicamente.

A morte do político João Pessoa serve de estopim para a eclosão da revolução de 1930, unindo a Parahyba ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que culminou na deposição do Presidente Washington Luiz, em 24 de outubro de 1930.

A Assembleia Legislativa da Parahyba, reunida em convenção revolucionária, troca a bandeira do Estado e o nome da Capital de Parahyba para João Pessoa.

João Dantas é morto ou se suicidou na cadeia pública do Recife, gerando essas versões muitas controvérsias. Zé Pereira após a morte de João Pessoa sai de Princesa e João Suassuna é assassinado no Rio de Janeiro.

Outra anormalidade que marcou o sertão nordestino foi o Cangaço, cuja duração atravessou os séculos XVIII, XIX e XX.

No dizer de João Lelis de Luna Freire – “O cangaceiro é o produto da falta de justiça e da nossa viciada educação política feita em gerações sucessivas”.

O princípio básico de atuação do cangaceiro era a ofensiva e a surpresa, aliadas ao seu hábil espírito de improvisação na prática das tocaias e das emboscadas. Mascando o seu fumo de rolo e mastigando a sua rapadura, surge o sertanejo tenaz, homem danado, paciente e silencioso, sempre a procura da oportunidade certa de apertar o gatilho.

O termo cangaço deriva da palavra “canga”, peça de madeira ajustada ao pescoço do boi, como suporte para tração da carga. Isto era pela comparação com o volumoso equipamento que os bandoleiros transportavam nas marchas forçadas através da caatinga.

Eram os cangaceiros perseguidos

pelas “volantes”, realizando nos combates ataques, recuos, emboscadas, tocaias e negaças, características de operações de guerrilhas.

Fizeram escola no cangaço, entre outros, Antônio Silvino, Chico Pereira, Cassimiro Honório, Jesuíno Brilhante e Virgulino Ferreira da Silva – “O Lampião” –.

Lampião possuía um talento tático e estratégico, empregando o reconhecimento do terreno, o largo uso das informações, além de dividir os seus homens em grupos e subgrupos, para obter maior mobilidade, mascarando os deslocamentos.

Virgulino tinha uma destreza fora do comum no manuseio do seu rifle de repetição, dando o dobro de tiros de um atirador normal, daí vem o seu apelido de “Lampião”, pelo clarão provocado à noite pela sua arma.

Enquanto os também célebres cangaceiros Luiz Padre, Sinhô Pereira e Antônio Silvino usavam roupas normais. O bando de Lampião, ao contrário, usava trajes ornamentais, estéticos, com chapéu de couro, bornais, cartucheiros, coldres e bandoleiras enfeitadas em ouro e prata, com signos de Salomão, flor de lis, cruz de malta e estrelas de seis pontas. O armamento que usavam era o rifle Winchester 1892, cal 44, o fuzil Mauser, cal 7mm, pistola, revolver e o famoso punhal de 80 cm, para uso em sangramentos e outros fins. Calçavam alpercatas e bornais cruzados ao corpo, em vez de mochilas.

O cangaço deixou lembranças na literatura de cordel, na música, na dança e até hoje nos desafios dos cantadores de emboladas e cegos rabequeiros, nas feiras do Nordeste. Cabe lembrar a participação das mulheres no cangaço com destaque de Maria Bonita, Sila e Dadá, a mulher de Corisco, o vingador de Lampião, morto em 1940.

Os jovens que ingressavam no cangaço em sua maioria eram provenientes da Ribeira do Pajeú (PE), verdadeira universidade da violência. Pertenciam à classe média local, e, como sertanejos eram indiferentes à morte e insensíveis ao trato com o sangue,

próprio daqueles que convivem com a natureza cruenta da atividade pecuária.

Os desvios de comportamento que os levavam para a criminalidade faziam com que buscassem um refúgio, em face de delitos praticados, desejos de vingança e a adoção de um novo meio de vida com total liberdade.

Lampião foi convocado para integrar os Batalhões Patrióticos no combate à coluna Prestes, mediante apelo do padre Cícero, recebendo para isso o título de Capitão. .

O período do cangaço no Nordeste foi longo, terminando com o declínio da vida de Lampião, no insucesso da tomada da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Vítima de traição, Lampião foi morto na Grota do Angico (SE), em um cerco da polícia alagoana comandada pelo Tenente João Bezerra, sendo degolado juntamente com sua companheira Maria Bonita e mais oito dos seus cabras. Assim desaparece um vencedor de desafios, chefe de autoridade jamais discutida, apesar da convivência de duas décadas com os homens mais perigosos do sertão. No dizer do cangaceiro Medalha, o seu chefe tinha, “o pensamento adiante da palavra”, de par com a autoridade moral de quem “só comia e bebia depois que todos tivessem comido e bebido; só montava depois que todos tivessem montado”.

O mundo dá voltas e, por incrível que pareça, Lampião é hoje admirado em todo o Nordeste, tendo se transformado em verdadeiro mito. Considerado por alguns, um bandido e, por outros, um justiceiro, por ter vivido em um tempo em que não se esperava a morosidade da justiça para se rebater uma afronta, resolver casos de honra, rixas entre famílias e disputas de propriedades.

O público que esse artigo pretende atingir é aquele constituído por compatriotas desconhecedores das histórias regionais do seu país, tão cheias de ensinamentos e atos de bravura. Sintetizamos alguns fatos no qual surgiram cidadãos brasileiros, cujo senso de liderança e coragem na tomada de atitudes era calcado no calor de suas veias, em razão da lenta evolução das estruturas políticas e sociais de uma época ■



# Alterações na LEI DO INQUILINATO e seus reflexos sociais e econômicos

Thiago Hora  
Advogado  
thiago@ferreira.adv.br

Comenta-se muito a respeito das recentes alterações na legislação locatícia feitas, através da Lei nº 12.112/09, sancionada pelo presidente Lula e publicada em 10 de dezembro de 2009. No entanto, pergunta-se, quais serão os reflexos da citada norma em nosso ordenamento, bem como em nosso meio social? Este artigo visa esclarecer de forma bem simples e didática tais indagações.

Pois bem. Registre-se, de início, que a antiga norma (Lei nº 8.245/91) há tempos era objeto de intensas críticas, primeiro por parte dos locadores e do sistema imobiliário, sob o fundamento de que possibilitava ao locatário, mesmo em mora, a utilização de diversas medidas para protelar sua continuidade no imóvel, e, em outro giro, por parte dos fiadores que ficavam vinculados ao contrato até a entrega das chaves.

Diante disso, muitos proprietários sentiam-se extremamente desconfortáveis somente em ouvir a palavra ação de despejo, considerando a dificuldade que enfrentariam para retomar judicialmente seu imóvel, que laboraram durante anos para adquiri-lo.

É sabido de que, tanto na legislação atual como na antiga, o proprietário pode entrar com a ação de despejo, por falta de pagamento, a partir de um dia de atraso no aluguel. Todavia, as ações demoravam em média cerca de dezoito meses até a efetiva retomada do imóvel. Com a nova lei, o tempo deve ser reduzido para seis meses, vez que todo o procedimento foi simplificado e pode ser resolvido de forma mais célere e eficiente.

Por exemplo, apenas a título ilustrativo, a nova lei traz ótima inovação, concentrando em um único mandado a ordem premonitória para desocupação voluntária, assim como a execução do despejo propriamente dita, diferentemente da norma anterior, em que se era necessário a expedição de dois mandados para o deslinde do feito.

Outro ponto de suma importância refere-se à fiança locatícia, pois é a modalidade de garantia mais utilizada nos atuais contratos. A nova Lei se filiou ao entendimento atual de nossa Jurisprudência, permitindo ao fiador exonerar-se da fiança, na hipótese de prorrogação do contrato por prazo indeterminado, desde que devidamente notificado o locador.

Dito isto, o reflexo imediato das novas regras em comento, obviamente, deve ser a queda na inadimplência, a rapidez no despejo, que, por sua vez, também deve animar os proprietários, que terão mais confiança em deixar seus imóveis para locação, gerando uma oferta maior de unidades. Percebe-se, portanto, que a intenção do Legislador nestas modificações é nitidamente a de reduzir o prazo de satisfação da medida judicial e impulsionar a máquina imobiliária.

Estima-se que em todo o Brasil mais de três milhões de imóveis encontram-se fechados, pois os proprietários desistiram de alugá-los. Agora, com a nova Lei, esses imóveis entrarão novamente na praça, trazendo um leque maior de opções para os inquilinos e refletindo em uma baixa no preço dos aluguéis, devido à alta oferta, favorecendo o crescimento da economia.

Por fim, extrai-se que o grande interesse público em absorver as novas regras inseridas em nosso sistema jurídico, em virtude do advento da Lei nº 12.112/2009, decorre da extrema importância do contrato de locação para milhares de brasileiros que não possuem a tão sonhada e desejada “casa própria” ■

# CRONOLOGIA AERONÁUTICA

A pesquisa que se segue tem como primordial objetivo o de resgatar os grandes nomes que fizeram a História da Conquista do Ar, no Brasil, assim como relatar, de forma sucinta, os eventos notáveis relacionados com essas personalidades.

Julgamos que uma cronologia é de grande valia para utilização por parte de historiadores, pesquisadores, bibliotecas, CECOMSAER, MUSAL, afinal por todas as pessoas interessadas na Historiografia Aeronáutica.

Não pretendemos afirmar que a atual tarefa seja a última ou definitiva nesse campo de pesquisa, pois, na rememoração dos fatos históricos transcorridos, há sempre outros dados a acrescentar visto que a Histórica não é estática, mas, essencialmente, dinâmica, isto é, em todo tempo existirão elementos novos a serem incorporados.

Não desejamos aceitar que a História seja feita de esquecimentos e se tudo passa na vida, essa mesma História fica e ela não perdoa os que não lhes entendem à lição.

A cronologia apenas complementa a História; apresenta o mérito de busca rápida e simplificada na identificação de um acontecimento. O leitor pode (e deve!) colaborar, enviando sugestões ou correções ao Departamento Cultural do Clube, as quais serão repassadas ao INCAER – Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, órgão competente para decidir, em última instância, os assuntos questionados.

A presente pesquisa destaca espaço apropriado aos quatro pioneiros brasileiros que se dedicaram ao sonho sublime de dominar os ares, transmitindo aos pósteros lições de ousadia, idealismo e, sobretudo, perseverança.

São eles: **Bartolomeu Lourenço de Gusmão** (1685-1724, paulista, o “Padre Voador”), **Júlio César Ribeiro de Souza** (1843-1887, paraense), **Augusto Severo de Albuquerque Maranhão** (1864-1902, norte-rio-grandense) e **Alberto Santos-Dumont** (1873-1932, mineiro, o verdadeiro “Pai da Aviação”).

**19/dez/1685** – Primeiro registro da Historiografia Aeronáutica: Na Igreja Paroquial da Vila de Santos, Capitania de São Paulo, foi batizado pelo Padre Antônio Corrêa Peres, uma criança, filho do casal português Francisco Lourenço e Maria Alvares, nascido na Rua do Comércio nº 42, na citada Vila, que recebeu o nome de BERTHOLAMEU.

Somente a 7 de novembro de 1707, surgiu o primeiro documento, uma petição, em que a grafia do precursor é apresentada como BARTOLOMEU, e não BERTHOLAMEU.

De **1707 a 1718**, de acordo com o historiador Lysias Rodrigues, o inventor assinava sempre Bartolomeu Lourenço; em 1718 acrescentou “de Gusmão” e, a partir de 1720, “DE GUSMÃO”.

A família de Bartolomeu compunha-se de 12 filhos, sendo seis homens e seis mulheres. Sete irmãos foram religiosos, além de uma das irmãs que se tornou beata sem receber, portanto, ordenação sacerdotal.

**1693-1694** – Em data não determinada (provavelmente por volta de 1693-1694), Bartolomeu deixou o lar paterno e recolheu-se ao Seminário de Belém, distante 84 quilômetros da cidade de Salvador/BA, a fim de prosseguir os seus estudos.

**1700** – Bartolomeu de Gusmão concluiu o curso do Seminário de Belém.

**1705** – Aconselhado pelo reitor do Seminário de Belém, Padre Alexandre de Gusmão, Bartolomeu requereu à Câmara Municipal da Bahia a patente de sua primeira invenção, a de um mecanismo capaz de elevar água de uma lagoa ao prédio do seminário, sendo-lhe concedido, nesse ano, o correspondente “privilegio”.

**Mai/1706** – O “privilegio” concedido a Bartolomeu de Gusmão passou a ser extensivo a todo o território brasileiro, conforme autorização que lhe foi outorgada.

**1708** – Bartolomeu de Gusmão deixou o Brasil (para nunca mais voltar), indo para Lisboa, já como padre secular.

**1º/dez/1708** – Foi registrada a primeira matrícula de Bartolomeu na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, em Portugal.

**8/mar/1709** – Bartolomeu de Gusmão requereu a D. João V, alvará de licença para seu invento, à época denominado “instrumento para voar” (AERÓSTATO).

**19/abr/1709** – D. João V, de Portugal, aprovou a petição que Bartolomeu havia encaminhado, informando ter “inventado um instrumento para se andar pelo ar”.

Esse documento histórico, ainda, se encontra nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa. A petição e o privilégio causaram espanto e sensação em Lisboa e em outros países da Europa.

Segundo estudo do INCAER, “para se evitar apropriação indébita de sua invenção, fato corriqueiro naquela época, Bartolomeu omitiu em sua petição a D. João V, desenhos e detalhes do engenho que concebera. A estampa da “PASSAROLA”, tal como hoje se conhece, foi engendrada por detratores, com o objetivo de desmoralizar o invento e o inventor, na medida em que sua concepção é fantasiosa, irreal, absurda.

O biógrafo Domingos Barros considera a Petição de Privilégio como “a primeira e mais bela página da Aeronáutica”.

Tendo deixado a Faculdade de Cânones, de Coimbra, Bartolomeu instalou-se em Lisboa para se dedicar ao estudo e realização de sua “máquina voadora”, por esse motivo passou a ser conhecido como O “PADRE VOADOR”.

**6/mai/1709** – Bartolomeu iniciou a confecção de seu invento em Alcântara, Portugal, “para fazê-lo voar”.

**3/ago/1709** – Em Lisboa, foi realizada a primeira experiência pública por Bartolomeu, na Sala das Audiências, na presença de D. João V e membros de sua Corte, tendo o balão se queimado ainda no solo.

Conforme Lysias Rodrigues, “o aeróstato de Bartolomeu era constituído por um globo de papel grosso, talvez reforçado com um arcabouço de madeira delgada e de pouco peso, que ascendia por meio de ar quente produzido pela combustão de materiais diversos; absolutamente a mesma coisa que obtiveram os irmãos franceses Montgolfier, mais de 70 anos depois”.

Conclusões da pesquisa do INCAER: “a) O aeróstato era uma esfera ou esfe-

# BRASILEIRA

Pesquisa de  
Fernando Hippolyto da Costa  
Cel Av

## Primeira Parte



roide; b) O material empregado foi papel; c) Havia no engenho um foco ígneo; d) O aeróstato de Gusmão era um balão de ar quente, um balão de São João”.

**5/ago/1709** – Foi realizada a segunda experiência pública por Bartolomeu na Sala das Embaixadas, na presença de D. João V e sua Corte, quando o balão elevou-se a 20 palmos e, ao chegar ao teto, foi destruído por dois criados da casa real, receosos de um incêndio.

O palmo era uma antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a oito polegadas, ou seja, 22 centímetros.

**8/ago/1709** – Foi efetuada a terceira experiência pública por Bartolomeu, no pátio da Casa das Índias (hoje Castelo de São Jorge), na presença de D. João V e sua Corte, tendo o balão subido suavemente e caído no terreiro do Paço.

“À luz da documentação compulsada, não houve ascensão de Bartolomeu, apenas o balão” (INCAER).

“A notícia do invento causou sensação. Estrangeiros e diplomatas, então

em Lisboa, a isso se reportaram na sua correspondência. Várias publicações europeias se referiram ao inventor” (cf Gustavo Barroso).

**3/out/1709** – Foi realizada a quarta experiência pública por Bartolomeu, desta vez sem a presença de D. João V e seus fidalgos, atingindo o balão grande altura, e descendo em seguida, sem problemas.

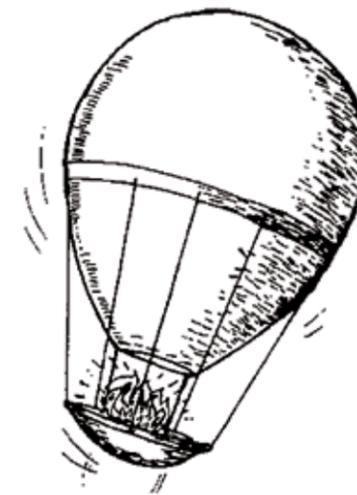
De qualquer maneira, “as experiências realizadas com o aeróstato conferem a Bartolomeu Lourenço de Gusmão a primazia da conquista do ar” (INCAER).

**13/ago/1710** – D. João V concedeu uma bolsa, no valor de 300.000 réis, para Bartolomeu de Gusmão estudar matemática na Universidade de Coimbra.

**1º/set/1710** – A bolsa de estudos, acima mencionada, foi anulada de acordo com a proposta da Junta dos Três Poderes, por absoluta falta de verba.

**Ainda em 1710** – Bartolomeu de Gusmão solicitou “Privilégio” para novo invento de sua autoria, descrito em folheto impresso na cidade de Lisboa, sob o título: “Vários modos de esgotar, sem gente, as naus que fazem água”.

Nesse trabalho, Bartolomeu descreveu um maquinismo, por ele imaginado, para –utilizando o movimento dos navios– acionar uma bomba capaz de aspirar a água dos porões, evitando assim uma das mais



frequentes causas de acidentes marítimos, numa época de embarcações de madeira acionadas a vela.

**1713** – Bartolomeu de Gusmão ausentou-se de Portugal, em demanda de outros centros europeus, passando pela Holanda, Inglaterra e França, levando vida modesta, mas “ainda aferrado ao sonho de voar”.

Após essas viagens, Bartolomeu retornou a Portugal e à Universidade de Coimbra.

**5/nov/1716** – Bartolomeu de Gusmão foi matriculado no 2º ano da Faculdade de Cânones, em Coimbra.

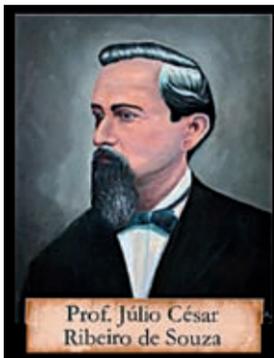
**5/mai/1720** – Bartolomeu foi considerado Bacharel, aprovado por todos os examinadores na Universidade de Coimbra.

**16/mai/1720** – Bartolomeu recebeu o grau de Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra (Doutoramento). A formatura ocorreu no dia imediato, 17 de maio.

**25/mai/1720** – Foi outorgado a Bartolomeu de Gusmão o grau de “Licenciado”.

**2º/semestre/1720** – Bartolomeu voltou a residir em Lisboa, permanecendo nessa cidade até 26 de setembro de 1724. Ficou a serviço da Secretaria de Estado, ingressou na Academia Real de História e ainda, recebeu o encargo de escrever a História do Bispado do Porto.

**6/ago/1721** – Bartolomeu requereu a D. João V uma “cessão de privilégios”, para um projeto de sua autoria, o de “aproveitar os terrenos turfosos para fabricar carvão de terra”. Foi atendido em 23 de setembro.



Prof. Júlio César  
Ribeiro de Souza

**16/set/1723** – Na sessão pública da Academia Real de História Eclesiástica Portuguesa, realizada no Ateneu Real, Bartolomeu de Gusmão apresentou o seu trabalho “Memórias Históricas do Bispado do Porto”, o qual mereceu a aprovação de toda a Academia.

**18/jul/1724** – Foi exarada a “cessão de privilégios”, relativa à descoberta feita por Bartolomeu de “um modo de moer destinado a aumentar o rendimento dos moinhos e engenhos de açúcar, invento de suma utilidade pública”.

**24/set/1724** – Bartolomeu de Gusmão fugiu de Portugal, com destino a Espanha e com nome falso (Miguel dos Santos), em companhia de seu irmão Frei João de Santa Maria, para escapar da Inquisição, nunca mais regressando a esse país. À época, Bartolomeu já se encontrava com a saúde precária.

Bartolomeu ia ser preso a 26 de setembro para ser julgado pelo Tribunal da Inquisição que o considerava como “feiticeiro” com a consequente morte na fogueira.

O escritor Pinto de Aguiar esclarece que “Bartolomeu foi envolvido em intrigas palacianas e suspeita-se que à fuga não estariam alheias suas relações com certos judaizantes, pois que teria chegado a andar às voltas com a Inquisição.”

**11/nov/1724** – Bartolomeu foi levado pelo seu irmão ao Hospital da Misericórdia, na cidade de Toledo, Espanha, em vista do agravamento do seu estado de saúde.

**19/nov/1724** – Faleceu Bartolomeu Lourenço de Gusmão, com a idade de 39 anos, ainda incompleta. O óbito ocorreu no hospital supramencionado.

Segundo o historiador Afonso de Taunay, a morte decorreu de “febre maligna com características tifóides”. Seu enterro foi feito a expensas da Irmandade de São Pedro, tal a pobreza em que Bartolomeu

morreu. Sua certidão de óbito encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nesse mesmo dia, foi sepultado na nave da Igreja de São Romão e Santa Leocádia, na mesma cidade, com o nome verdadeiro e a indicação de seu estado clerical, em virtude dos esclarecimentos prestados pelo seu irmão, Frei João de Santa Maria ao pároco da Freguesia. A irmandade dos clérigos de São Pedro pagou 30 réis por sua sepultura.

**1774** – Foi impresso em Lisboa, na oficina de Simão Tadeu Ferreira, a “Petição do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades”.

**1811** – Foi editada, em Paris, a “Biografia Universal Antiga e Moderna”, de Michaud. No verbete “Gusmão”, o seu autor Boscue esclareceu que “parece certo que se deve ao Padre Gusmão as primeiras experiências de balões aerostáticos, retomadas com tanto sucesso 70 anos após sua morte”.

**20/jul/1832** – Nasceu Henrique Dumont, pai de Alberto Santos-Dumont, na cidade de Diamantina/MG, filho de François Honorée Dumont e de Euphrasie François Honorée Dumont. O referido casal viajou da França com destino ao Brasil (Minas Gerais) em 1825; François resolveu tentar a sorte na mineração de pedras preciosas naquele Estado.

**30/jul/1832** – Henrique Dumont foi batizado na Freguesia de Santo Antônio, de Diamantina.

**1835** – Nasceu em Ouro Preto/MG, Francisca de Paula Santos, que viria a ser a mãe de Alberto Santos-Dumont. Francisca faleceu na cidade de Porto, em Portugal, em 22 de junho de 1902, aos 67 anos de idade.

1841 – Foi editado, no Rio de Janeiro, o trabalho “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartolomeu Lourenço de Gusmão”, de autoria do Visconde de São Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro.

**13/jun/1843** – Nasceu na Vila de São José do Acará, na então província imperial do Grão Pará, **Júlio César Ribeiro de Souza**, filho de José Ribeiro de Souza e Ana da Silva Ribeiro de Souza, e que viria a se tornar um dos precursores da aeronáutica. Em sua província natal, Júlio César fez

os seus cursos primário e secundário.

**21/nov/1848** – Nasceu em Fortaleza/CE, Domingos Nogueira Jaguaribe, um dos pioneiros da aerostação brasileira, tendo falecido a 14 de novembro de 1926 (cf Paulo Leofredo Costa).

**21/abr/1849** – Nasceu na localidade de Penha Longa/MG, Leopoldo Correia da Silva, pioneiro da aerostação em seu Estado. Após vários anos de pesquisas, iniciou a construção de um balão-dirigível em 1891, mas não chegou a concluí-lo, pois faleceu no ano seguinte, a 23 de dezembro de 1892 (cf Paulo Leofredo Costa).

**9/out/1853** – Nasceu em Campos/RJ, José Carlos do Patrocínio, que viria a construir no Rio de Janeiro um dirigível com o nome de “Santa Cruz”.

Embora tenha se tornado jornalista, Patrocínio foi atraído para o campo da conquista do espaço.

**Ainda em 1853** – Henrique Dumont (pai de Alberto Santos-Dumont), formou-se com brilhantismo no tradicional Liceu de Artes e Ofícios de Paris (Faculdade de Engenharia, nos dias atuais).

Regressando ao Brasil, conseguiu obter colocação como engenheiro de obras públicas na cidade de Ouro Preto, então capital da Província de Minas Gerais. Foi nessa cidade que veio a conhecer o Comendador Francisco de Paula Santos, casado com Rosalina Santos, enamorando-se de Francisca, a filha do casal, e que se tornaria a mãe de Alberto Santos-Dumont.

**11/nov/1855** – Foi realizada a primeira ascensão aerostática no Brasil: o balão subiu no Campo de Santana, atual Praça da República, no Rio de Janeiro, às 17h30min horas e pousou n’água, na Baía da Guanabara, a alguns metros da ponte do Gambá, no Saco do Alferes.

O aeronauta chamava-se Edouard Heill, conforme noticiaram o “Jornal do Comércio” e o “Correio Comercial”, edições de 12 de novembro.

**6/set/1856** – Foi celebrado o casamento de Henrique Dumont e Francisca de Paula Santos (pais de Alberto Santos-Dumont), na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, na cidade de Ouro Preto/MG.

O casal teve oito filhos, sendo cinco mulheres e três homens. Santos-Dumont foi o 6º filho dessa prole: Henrique, Maria Rosalina, Virgínia, Luís, Gabriela, ALBERTO, Sofia e Francisca.

Tanto o pai (Henrique), como o filho (ALBERTO), nasceram na mesma data: 20 de julho. O primeiro filho recebeu o nome em homenagem ao pai (Henrique), enquanto que o último recebeu o nome em homenagem a mãe (Francisca).

O segundo filho (Maria Rosalina), recebeu o nome em homenagem a sogra de Henrique Dumont (Rosalina).

As três irmãs mais velhas de ALBERTO (Maria Rosalina, Virgínia e Gabriela), casaram-se com três irmãos da família Villares (Eduardo, Guilherme e Carlos, respectivamente). A irmã Virgínia foi quem ensinou as primeiras letras a ALBERTO.

**1858** – Nasceu em Limoeiro do Norte/CE, José Pereira da Luz, conhecido como “Zé da Luz”, responsável pela primeira ascensão em terras cearenses. Faleceu em 24 de maio de 1951, aos 93 anos de idade. A citada ascensão ocorreu em 6 de outubro de 1906 com o aeróstato “Brasil” (cf Paulo Leofredo Costa).

Na sua segunda experiência, alguém lhe furou o balão em plena largada, causando urna queda repentina, danos em alguns telhados e fraturas no balonista (INCAER).

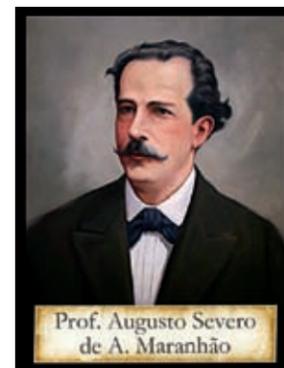
**23/jun/1861** – Nasceu João Auto de Magalhães Castro, inventor de um balão que dizia ter um “sistema ornictióide, ou seja, um balão com forma de pássaro-peixe”. Faleceu em 15 de junho de 1926. São desconhecidos outros dados dessa extravagante invenção (cf Paulo Leofredo Costa).

**1862** – Aos 19 anos de idade, Júlio César Ribeiro de Souza viajou do Pará ao Rio de Janeiro, a fim de cursar os quatro anos da Escola Militar, por ter sido aprovado nos exames preparatórios. Deflagrada a Guerra do Paraguai, ele engajou-se como voluntário e seguiu para o Teatro de Operações.

**1863** – Nasceu em Minas Gerais o Tenente do Exército Juventino Fernandes da Fonseca, que viria a tornar-se o primeiro mártir da aviação no Brasil, ao falecer aos 45 anos de idade em acidente com um balão aerostático em 20 de maio de 1908.

**11/jan/1864** – Nasceu em Macaíba, a 18 quilômetros da cidade de Natal/RN, **Augusto Severo de Albuquerque Maranhão**, um dos precursores da aviação, “pioneiro dos dirigíveis semirrigidos”.

Foi o oitavo filho de uma família de 14 filhos, sendo nove homens e cinco mulheres.



Prof. Augusto Severo  
de A. Maranhão

**22/mar/1865** – Nasceu em Garanhuns/PE, Domingos de Barros, considerado um dos mais entusiastas da aerostação e responsável por urna série de sugestões para a dirigibilidade em balões (cf Paulo Leofredo Costa).

Foi químico-industrial e colaborou com Augusto Severo quando este construiu o seu balão-dirigível “Bartolomeu de Gusmão”, no Realengo, subúrbio do Rio de Janeiro. Escreveu um livro, “Aeronáutica Brasileira”, publicado somente em 1940, após sua morte.

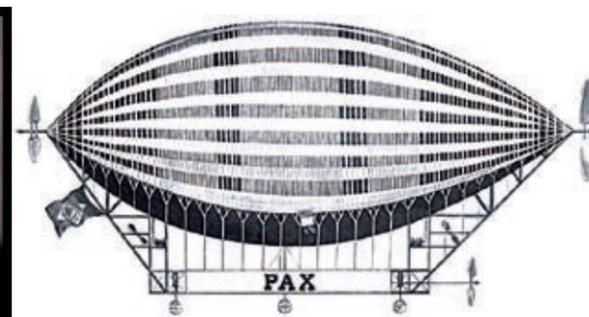
**21/out/1866** – O Ministro da Guerra, Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, determinou ao Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro para que fosse construído um balão (o aeróstato “Doyen”, confeccionado sob a orientação de um francês chamado Louis Desiré Doyen), por solicitação do Marquês de Caxias, a fim de ser utilizado como balão de observação na busca de informações no Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança.

No dia imediato, o Ministro da Guerra autorizou a despesa de seis contos de réis para ser aplicada na construção do balão “Doyen”.

**26/dez/1866** – O fabricante do aeróstato Louis Desiré Doyen escreveu urna carta ao Marquês de Caxias, que se encontrava em Tuiuti, comunicando que o seu balão havia ficado inutilizado em 23 do mesmo mês, antes de ser usado, por ter sido envernizado e embora não estivesse completamente seco, tinha sido dobrado e guardado em local não ventilado durante dois dias.

**28/dez/1866** – O Marquês de Caxias fez, através de carta, comunicação do ocorrido com o balão “Doyen” ao Ministro da Guerra, Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá:

“Apresso-me em participar a V. Exª. que o balão destinado ao reconhecimento



das fortificações inimigas, quando estava quase pronto, e eu muito esperançado nas vantagens que teria com esse meio à minha disposição..... “

E mais adiante: “.....porquanto reconheço o serviço importante que nos prestaria tal auxílio para reconhecimento de terrenos cobertos de matas e lagoas fora do alcance de observação colocados em situações inteiramente planas”.

**25/jan/1867** – O Ministro da Guerra, através de expediente confidencial, deu instruções ao diplomata Henrique Cavalcanti de Albuquerque, Cônsul brasileiro em *New York* para, com a maior urgência possível, mandar fabricar, para o Exército Brasileiro em campanha, um balão de observação.

**22/mar/1867** – O vapor *Merrimac* deixou o porto de *New York* com destino ao Rio de Janeiro, transportando dois balões, o respectivo equipamento e os dois aeronautas irmãos, James Allen e Ezra Allen.

Pessoal e material foram acomodados no vapor *Leopoldina*, com chegada em Montevideú, em 11 de maio; transbordo para o vapor *Oriental Cerro* e prosseguimento da viagem ao Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança.

**31/mai/1867** – Chegada em Tuiuti dos dois balões e dos dois aeronautas norte-americanos James Allen e Ezra Allen.

**24/jun/1867** – Subiu aos ares, no Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança, o balão de observação *Allen* que se constituiu no PRIMEIRO EMPREGO MILITAR DA AERONÁUTICA NA AMÉRICA DO SUL.

O balão ascendeu a 330 metros e a estabilidade do mesmo era proporcionada por três grossas cordas de amarração que muitos soldados agarravam em terra. Estavam a bordo o Cap Francisco César da Silva Amaral e um engenheiro polaco, Maj Robert Chodasiewicz, servindo ao Exército Argentino ■

(Continua na próxima revista)



Ten Brig Ar Fernando de Assis Martins Costa  
famc@ism.com.br

# ALVOS REAIS PARA TREINAMENTO DE TIRO AÉREO

## ATIREM EM MIM!!!

Foi publicado, numa revista AIR&SPACE do *Smithsonian Institute* dos EE.UU., interessante artigo sobre o uso de alvos aéreos tripulados para o treinamento dos metralhadores dos aviões de bombardeio durante a 2ª Grande Guerra.

Durante a primavera de 1943, a 8ª Força Aérea dos EE.UU. estava sofrendo perdas altíssimas de seus aviões B-17 e B-24 nos ataques diurnos contra a Alemanha e essas operações tiveram que ser suspensas até que os aviões P-51 *Mustang* pudessem oferecer escolta ao longo de toda a rota. Mas antes que a 8ª Força Aérea estivesse sofrendo essa carnificina em suas tripulações, o Major Cameron Fairchild da *Army Air Force* e instrutor de tiro na *Harlingen Air Field* no Texas, queria melhorar os resultados dos seus alunos no tiro de torre de metralhadora, pois treinavam com tiros aos pratos com carabinas 12, tiro com metralhadoras .30 e .50 contra alvos sobre rodas, com simulação de combate aéreo em telas de cinema ou no tiro contra alvos rebocados por aviões B-17, B-34 ou AT-6.

O Maj Fairchild pensava desenvolver uma munição que se partisse em pedaços ao se chocar contra um avião de caça real sem causar danos à aeronave. Com apoio de pesquisadores da Universidade de *Duke*, no Michigan, engenheiros da *Bakelite Corporation* e da fábrica *Dupont*, levou a maior parte do ano 1942 até o final do ano de 1943, para chegar ao desenvolvimento de uma munição de metal e plástico que fosse quebradiça, não causasse problema

de funcionamento nas metralhadoras .50, que tivesse a mesma trajetória da munição real. Promovendo essa munição quebradiça, o Maj Fairchild desafiava a linha normal de desenvolvimento de munições do *Army* com o trabalho de engenheiros de Universidades. Em seguida o *Army* alegou que essa nova munição teria uma balística diferente da real, não iria funcionar nas metralhadoras e somente poderia ser usada contra um avião pesadamente blindado. Foi o *National Defense Research Committee* que aprovou a sua ideia, mas a limitação de recursos e menor urgência retardaram o progresso da ideia. Em favor do Maj Fairchild, relatos operacionais de 1943 e 1944 mostravam que os metralhadores dos aviões de bombardeio precisavam urgentemente de melhor treinamento. Assim, na primeira metade de 1944 ele passou a se preocupar com o avião-alvo. Uma tentativa com o bimotor A-20 deu lugar ao avião P-63 *Kingcobra* (versão do P-39 *Aircobra*), que o *Army* achou mais parecido com os *Messerschmitt Bf 109*. Um avião P-63, projeto abandonado pelo *Army* em proveito dos P-47 e P-51, mas somente fabricado para venda para a Rússia e França pelo sistema *Lend-Lease*, foi modificado com um parabrisa de mais de uma polegada de espessura e blindado em toda a sua superfície com uma liga especial de alumínio. Foi montado um sistema de sensores de impacto em todo o avião, que acusava os acertos e a cada impacto acendia uma luz vermelha no cubo da hélice no lugar do canhão de 37mm que atirava por dentro do eixo

da hélice. Esse piscar da luz no nariz ao acusar os acertos valeu ao avião o apelido de *Pinball*, uma referência aos jogos eletrônicos de galerias em que as luzes se acendem em função dos acertos. Esse sistema de contagem apresentava alguns problemas, seja por vibração do avião, marcando um número elevado de acertos, ou não marcando nenhum. Nesses casos, a equipe de terra tinha de inspecionar toda a aeronave e, com lápis de cera, marcar todos os impactos anotados. Posteriormente, passaram a usar munição de cores variadas, facilitando a contagem após a missão dos acertos de cada metralhador em treinamento. O único ponto fraco era a entrada de ar do radiador no bordo de ataque, pois estilhaços da munição podiam danificar o radiador e determinar o pouso forçado ou abandono do avião, o que ocorreu inúmeras vezes. Para esse treinamento, cerca de 300 aviões RP-63 foram convertidos em *Pinball*. Apesar de seu motor *Allison* refrigerado a água ter 1.800HP de potência, o peso da blindagem tornava o avião desafiador para voar. Não era manobrável como os demais P-63 e tinha o “mau hábito” de entrar em estól de alta velocidade numa manobra mais brusca, requerendo também um pouco mais de velocidade na aproximação.

Com o fim da guerra na Europa, apenas uns poucos RP-63 continuaram a treinar os metralhadores dos aviões B-29 usados na guerra contra os japoneses. Quando terminou o conflito no Pacífico, esses “aviões-alvo” tornaram-se desnecessários e foram desmobilizados em 1947 ■

# O Teorema da

A narrativa desta aventura vivida pelo Cel Kauffmann trouxe-me especial deleite, especialmente por reconhecer, de imediato, os atores com quem convivi, muito proximamente, na Aviação de Caça.

Não confirmei com o autor a identidade de quem quer que seja, tampouco a veracidade ou a fantasia da aventura vivida. Conhecendo-os bem, prefiro acreditar que tudo tenha se passado como contado. O autor tem nos impressionado (a todos os caçadores da sua época, em especial, mas, também, aos novinhos da atualidade) pelas suas incursões literárias em sequência ao cancionero composto por muitas de suas composições.

Os caçadores vão se deliciar com esta narrativa. Espero que os demais leitores também se divirtam com esta fantástica “missão” vivida naquela noite mágica de Itapuã.

Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista  
Presidente



# Caixa de Fósforos

**A** noite estrelada convidava ao voo noturno...

Cumprindo uma viagem final de instrução que coroava a formação de mais uma turma de caçadores no 1º/4º Grupo de Aviação, a 'Sorbonne da Caça', havíamos chegado a Salvador, eu e Panelão, onde faríamos apenas uma escala técnica em direção ao Rio.

A primeira etapa da viagem, a partir de Fortaleza, havia sido acompanhada por uma enorme lua que, clareando as dunas da Praia do Futuro, parecia projetar seu fecho de luz até a Bahia, por sobre todo o sertão e a cachoeira de Paulo Afonso, transformando o sertão num mar prateado, como outrora já previra o beato.

Ouvindo a rádio Mossoró, nossa eterna companheira na solidão dessa rota, passamos quase toda a etapa comentando o estágio de formação de pilotos de caça, que terminava.

Candidato a uma das unidades de primeira linha, operadoras das aeronaves supersônicas, Panelão nutria secretamente a esperança de vir a pilotar os Mirage III do Grupo de Defesa Aérea no planalto central.

Ao entrar na sala de tráfego para ultimar os preparativos do próximo trecho de voo, ao Rio de Janeiro, fomos surpreendidos pelo oficial de serviço de operações que, apresentando uma pequena nota manuscrita, transmitia um recado do Comandante da Base.

– “Capitão, o coronel pediu-me que lhe entregasse esse bilhete. Disse, ainda, que aguarda a reposta pessoalmente, no cassino dos oficiais”.

Excêntrico, era um adjetivo que ficava ainda longe de qualificar propriamente o coronel Crusoe, comandante da Base Aérea de Salvador.

Respeitado piloto de caça, dos tempos do Gloster Meteor, Crusoe era famoso não apenas como profissional, mas, principalmente, pelo brilho de seu privilegiado intelecto.

Culto, falava fluentemente cinco idiomas e, nessas línguas, deleitava-se em discutir filosofia e matemática pura, alguns de seus temas prediletos.

Músico erudito, era figura certa atrás do piano, durante as cantorias dos pilotos do 1º Grupo de Caça, unidade onde serviu boa parte de sua vida.

Indivíduo de alta sensibilidade, os atropelos de sua vida pessoal haviam criado, no entanto, uma acentuada queda pelo álcool, que, ao longo dos anos, já começava a cobrar o seu tributo...

– “Se a cada minuto retirássemos metade dos palitos de uma caixa de fósforos, quanto tempo levaríamos para esvaziar a caixa?”.

A pergunta, manuscrita numa caligrafia arredondada, parecia razoavelmente simples, muito embora tenha, de imediato, despertado minhas suspeitas.

Panelão, bem classificado em sua turma de aspirantes, arvorou-se, de imediato, em resolver a questão, aproveitando, quem sabe, uma boa oportunidade para marcar uns pontinhos finais comigo.

– “Bem, se considerarmos que uma caixa de fósforos tem, em média, 40 palitos, levaríamos 32 segundos para retirar todas as unidades!”.

Assim, munidos de uma resposta, rumamos para o cassino dos oficiais, adiando nossa decolagem para o Rio.

Na medida em que encurtávamos a distância entre o pátio de operações e o cassino, uma suave melodia foi tornando-se cada vez mais audível. Era

o segundo ato do Lago dos Cisnes de Tchaikowski, no momento em que o príncipe Siegfried sucumbe à estonteante visão de Odile, o cisne negro...”

Antes que entrássemos, paramos durante algum tempo para ouvir a música, que remeteu-me ao *American Ballet Theatre*, em Nova Iorque, e à visão de Natalia Makarova, que flutuava na coreografia de Petitpas. Difícil dizer o que era mais genial, a coreografia, a música, ou a *performance* da *prima ballerina*.

Adentrando o cassino, verificamos que o pianista era o próprio comandante da Base, o coronel Crusoe...

Cabelos totalmente esbranquiçados pela idade, ligeiramente longos e descompostos para um militar, Crusoe mantinha-se compenetrado tocando com os olhos fechados, como se estivesse sorvendo cada uma das notas da melodia.

De repente, abrindo os claros olhos em nossa direção, parou abruptamente de tocar, fixando, momentaneamente, o olhar em minha direção.

– “Quem são vocês?”, lançou-nos, de surpresa a pergunta, num tom absolutamente inquisidor.

Após nossa identificação, retornou imediatamente à postura relaxada do princípio, como se comandado instantaneamente por um interruptor.

– “E então, já sabem a resposta?”.

Panelão, num arroubo para mostrar sua competência, adiantou-se respondendo de supetão:

– “Trinta e dois segundos, meu Coronel!”.

Crusoe, mantendo os olhos fixos na cortina à sua frente, não demonstrou qualquer reação. O que deu a Panelão a certeza de que havia respondido corretamente.



– “Se levamos em conta a diversidade dos juízos”, iniciou o Crusoe lentamente, como a buscar, no fundo dos arquivos de sua memória, a sequência de seu raciocínio, – “você não deixaria de ter alguma razão, meu bom aprendiz. No entanto, como o único critério universal é a evidência, visto que um determinado juízo só pode ser verdadeiro quando é conforme com o objeto a que se refere. A certeza desse, só é possível a partir da manifestação do próprio objeto a quem formula o juízo, sua resposta não atende à questão formulada!”.

A essa altura, eu já estava preocupado com a sequência de nosso voo para o Rio, já que, turbinado por algumas doses de uísque, o coronel Crusoe parecia necessitar desesperadamente de companhia naquela noite de sexta-feira.

– “Perdoe-me a curiosidade e, também, a ansiedade coronel”, atrevi-me a interromper no momento em que Crusoe ameaçava dar sequência a uma longa digressão sobre a transcendência da lógica. – “No entanto, temos uma ordem de missão a cumprir e devemos decolar na próxima hora para o Rio de Janeiro”.

– “Claro, meu bom jovem. Vejo que você parece-se muito com seu pai, com quem tive o prazer de voar”, respondeu Crusoe verificando os bolsos em busca de uma folha de papel, completamente amarfanhada.

– “Ocorre porém”, prosseguiu sacudindo o documento, – “que, em face de questão tão grande, meu antigo ala no Grupo de Caça, o Coronel Gallo, que, se não me falha a memória, é o seu atual comandante, enviou-me essa nova ordem de missão, retardando sua viagem em vinte e quatro horas, para que

providenciem-me a escolta necessária à busca de algumas respostas, nessa noite em Salvador!”.

Dito isso, Crusoe concedeu-nos quinze minutos para, não apenas trocar de roupa, mas, também, cancelar nosso plano de voo para o Rio e preparar o avião para o pernoite.

E assim, após lutarmos com os pinos de travamento e capas de pernoite do AT-26 no meio da escuridão do pátio de estacionamento de aeronaves da Base Aérea de Salvador e tomamos uma rápida chuvairada, já nos esperava Crusoe a bordo de um jipe de guerra remodelado, que, fiel à pintura do Primeiro Grupo de Caça, ostentava no capô o brioso avestruz da campanha da Itália.

Desde o princípio da noite, à direção fora confiada a Panelão. Ao seu lado, impávido, com os cabelos brancos espelhando o luar, seguia a curiosa figura do Coronel Crusoe, como um D. Quixote tropical.

Do banco de trás, eu acompanhava a sinuosa estrada que nos levava ao canto esquerdo de Itapuã, quase na porta dos fundos da Base Aérea de Salvador.

Seguindo as sintéticas instruções de Crusoe, entremeadas por imprecações em diversas línguas, chegamos ao fim da praia, onde entramos num terreiro de umbanda, em pleno funcionamento.

Era um largo galpão com teto de palha, porém muito bem cuidado e limpo. Na frente, um grupo de pelo menos dez pessoas conversava animadamente.

Na entrada, ao lado de uma baiana que fazia acarajé, quatro rapazes vestidos de branco jogavam capoeira, ao som de atabaques e berimbaus.

– “Paranauê, paranauê, paraná...”, a música acompanhava o balanço das ondas e o farfalhar das palhas de coqueiro, que o luar insistia em cobrir de prata.

Por onde passava, Crusoe era saudado efusivamente, o que mostrava sua clara intimidade como frequentador do local.

Os cumprimentos intensificavam-se na medida em que nos aproximávamos do quintal, onde viraram uma ovação triunfal à entrada de Crusoe.

Esse, mal havia adentrado o recinto já gritava batendo vigorosamente no peito: – “Ogunhê!” Era a saudação de Ogum, reservada ao próprio pelos “Ogans”, alguns raros filhos de santo que, por suas virtudes morais, são considerados como defensores do terreiro.

Daquele que parecia o grupo principal, adiantou-se uma senhora negra muito distinta e vestida com as roupas tradicionais da religião nagô e num gesto que simultaneamente combinava majestade e carinho, estendeu a mão para que Crusoe tomasse sua benção.

Após ouvir algo sussurrado por Crusoe, a doce senhora voltou-se em nossa direção abrindo o sorriso e comentou: – “Então aqui estão vocês! Enviados de Ogum, para a proteção de nosso representante, nessa noite tão importante...”.

A doçura de mãe Eduarda, uma das mais famosas “Yaôs” de toda a Bahia e conhecida até nacionalmente, através da idolatria de diversas personalidades do mundo político e artístico, não impediu que captássemos um sentido oculto em suas palavras que, se me causaram espanto, em Panelão tiveram efeito devastador.

Mal balbuciamos uma resposta qualquer, combinada com um assentimento de cabeça, Mãe Eduarda já era puxada pelas outras filhas de santo para a roda de ponto, onde baixavam Ogum e sua falange.

A gira fervia e, no centro da roda, um dos médiuns movimentava-se violenta e cadenciadamente, numa dança guerreira, brandindo os braços como se fossem espadas e rodopiando como se estivesse montando a cavalo, em meio a uma fragorosa batalha.

Nessa rígida coreografia militar, Ogum duelava com seus inimigos

imaginários, reverenciado por todos os outros orixás, e criando uma atmosfera de vibrante energia.

A cantiga de ponto enchia a noite ...  
“São Jorge venceu a demanda,  
Nos campos do Humaitá.  
Cruzou sua espada na areia.  
Lavou seu escudo no mar.  
Ogum não devia beber,  
Ogum não devia fumar.  
A fumaça é a nuvem que passa,  
A bebida é a espuma do mar!”.

Buscamos interpelar Crusoe que, a essa altura, já se envolvia em animada prosa com dois babalorixás, sobre os limites da crença religiosa, na visão de Kant.

Crusoe, respondeu com um ar amuado ao questionamento de Panelão, sobre o significado das palavras de Mãe Eduarda.

– “Vocês aqui estão com um propósito muito maior que a mera solução da charada que lhes apresentei”.

– “Na verdade”, prosseguiu, “eu pedi especialmente ao meu amigo Gallo, que enviasse dois jovens tão corajosos, quanto incrédulos, para que me auxiliassem na difícil tarefa dessa noite”.

Imediatamente, entendi que a escala em Salvador havia sido cuidadosamente planejada, por nosso próprio comandante e, ainda, que minha presença devia-se às longas discussões sociais que eu travara com ele e sua esposa, sobre a existência de Deus.

“Talvez Deus tenha criado o homem, mas num de seus primeiros atos de contrição, o homem recriou Deus!”, lembrava-me arrependido dessa presunçosa frase típica da segunda metamorfose do espírito, segundo *Nietzsche*, que é a negação sistemática e impensada de



todos os valores recebidos em nossa primeira educação. A fase do leão...

Num átimo, Panelão, perdendo completamente a linha, já esbravejava a gestos largos comigo.

– “Como é que você continua a dar ouvidos a esse maluco, que forjou essa situação para nos envolver nessa macumba?”, gritava possesso.

Enquanto eu acalmava Panelão, Crusoe apenas olhava, com um ligeiro sorriso no canto dos lábios.

– “Deixe-me lhe dizer algo importante”, pediu Crusoe dirigindo-se a Panelão, – “sua resposta está errada, porque o número de palitos remanescentes, após a retirada da primeira metade, será exatamente o mesmo inicial.”

Eu e Panelão ficamos na mesma no entendimento da charada. Já que Crusoe parecia, absolutamente, decidido em levar a cabo sua ainda mal explicada tarefa, resolvemos aguardar, para entender melhor o que se esperava de nós.

A tarefa parecia razoavelmente simples, conforme nos foi detalhada por Mãe Eduarda, enquanto Crusoe um banho de descarrego em meio à dança das “labás”.

Explicou-nos Mãe Eduarda, que cada um dos orixás possui uma falange, ou linha de serventia, formada por entidades intermediárias, que exprimem as variadas características do orixá, algumas mais ascensionadas e outras mais próximas à natureza humana.

Desse modo, dizia, – “um orixá como Ogum possui em sua falange tanto entidades indígenas, mais evoluídas, quanto os Exus, que são entidades mais mundanas e com um pronunciado lado negativo”.

– “Houve uma época em que um desses membros da falange de Ogum, o Exu Veludo, rebelara-se contra o orixá, e pusera-se a serviço do mal, imaginando que assim fugiria ao domínio do santo guerreiro”.

– “O mal”, continuava ela, – “residia na própria natureza humana, ambiciosa

e mesquinha, que através de falsas promessas, consegue atrair apenas a colaboração oportunista de alguns desses espíritos periféricos”.

E assim, um poderoso “trabalho” de quimbanda, conjurou-se numa guia, um colar, de reluzentes contas negras, que fora entregue, dizem, pelo próprio Exu Veludo, a Anacleto da Ribeira, um famoso capoeirista e marginal que, tendo o “corpo fechado”, aterrorizou durante anos as ruas da Cidade Baixa.

Sua sorte começou a mudar quando assassinou, à traição, Jorge do Curuçu, uma das pessoas mais benquistas de Salvador e contramestre do famoso círculo de capoeiristas de Mestre Pastinha, que se reunia no Solar do Unhão.

Na medida em que a história tomava forma, víamo-nos cada vez mais interessados nos detalhes.

Ocorre que Mestre Pastinha era afilhado de Mãe Auxiliadora, que chefiava o centro de Umbanda do Canto de Itapuã, quando Eduarda, ainda, era apenas mais uma das “labás”.

Armou-se uma cruzada das forças do bem, contra o espírito do mal, personificado por Anacleto, para vingar Jorge do Curuçu e pôr um fim ao reinado do malfeitor, nas ladeiras de Salvador.

A batalha final, precedida de mil negações e artimanhas, que contrapôs os capoeiristas de Pastinha contra Anacleto, até hoje é contada como lenda, pelas pessoas mais velhas, que frequentavam o cais dourado.

Dizem que o assalto derradeiro do combate fora travado, não por Pastinha e Anacleto, mas pelos próprios Ogum e Exu Veludo, num desfile de “martelos” e “meialuas” que durou quase toda a noite.

Batido na luta, Anacleto se atirou do elevador Lacerda, não sem antes amaldiçoar Pastinha e jurar vingança.

De seu corpo, foi retirada a famosa “guia” negra, que foi entregue ao Canto de Itapuã, para evitar que caísse em mãos erradas. Ali permanecera pelos últimos vinte anos.



Dias depois Pastinha ficava cego...

Agora, vítima da sanha de especulação imobiliária, que povoava Itapuã de enormes espigões, o terreiro seria demolido dentro das próximas semanas.

Após deliberar sobre o lugar adequado para manter a perigosa “guia” negra de Anacleto, os conselheiros do centro concordaram que o terreiro da Gamboa, onde reinava Mãe Balbina de Oxum, era o ideal.

Inicialmente planejada na surdina, a transferência da “guia” fora cancelada, já que o mal estava claramente à espreita da possibilidade de lançar mão novamente do poderoso objeto.

Desse modo, Mãe Eduarda resolveu que a melhor forma de transferir a “guia”, seria fazê-lo de forma ostensiva, com o suporte de todas as forças do bem.

Portanto, ali explicava-se a presença dos capoeiristas e o tom solene dos rituais daquela noite, que, durante nossa conversa, prosseguiram a plena força.

Naquela noite, todos os atabaques da Bahia tocariam para a proteção do comboio que transportaria a guia mal-dita, até seu destino final.

Iniciou-se um rito de proteção a Crusoe, que seria o Ogan encarregado de transportar, no próprio pescoço, a “guia” negra de Exu Veludo.

A beleza plástica das danças dos Orixás só era superada pela suavidade das melodias cujos refrões eram entoados em coro, respeitosamente, por todos os presentes.

Os médiuns, ou “cavalos”, como são chamados na Umbanda, trajavam, cada qual, as vestes de gala de seus Orixás. Ali estavam Iansã, a senhora dos raios, Ogum, o senhor da guerra, Oxossi, o príncipe dos Orixás, e tantos outros

que, após alguns volteios, pousavam a mão sobre a cabeça do Coronel Crusoe que, sério, mantinha-se com um dos joelhos apoiado no piso do terreiro, como um cavaleiro medieval aguardando a sagração.

Num determinado momento, um médium, de baixa estatura incorporou uma entidade indígena, que pela consideração, logo vimos que se tratava de um santo de “alta patente”. A própria Mãe Eduarda cuidou de acompanhar, bem de perto, o recém-chegado Caboclo Rompe Mato, que entremeava ágeis saltos, com potentes brados de guerra.

Lembrei-me que um de nossos veteranos na guerra da Itália, o primo do Saback, Pedrinho Lima Mendes, considerava-se protegido pelo Caboclo Rompe Mato. E, curiosamente, seu avião nunca foi acertado por tiros inimigos, o que foi considerado um fenômeno inexplicável, já que participou de mais de noventa missões de guerra, atacando os mais defendidos objetivos nazifascistas.

Após a guerra, Lima Mendes passara a comandar o Segundo Esquadrão do Grupo de Caça em Santa Cruz, denominado, até hoje, de Esquadrão Rompe-Mato.

Encolhidos, num dos cantos, tanto eu quanto Panelão, procurávamos não ser notados embora a curiosidade nos levasse a acompanhar de rabo de olho cada detalhe da interessante cerimônia, em que fomos, introduzidos por absoluta casualidade. Assim, pensávamos...

Repentinamente os cânticos cessaram, acompanhados pelo súbito silenciar dos atabaques, e, do meio do terreiro, abriu-se um corredor de pessoas, pelo qual o caboclo Rompe Mato vinha em nossa direção.

Parou a apenas um metro, olhandos-nos fixamente. Era impressionante como, por assim dizer, sobre a imagem daquele nordestino simples, talvez um dos pescadores do local, sobressaía, através do olhar e da postura, a nítida

figura de um bravo guerreiro indígena.

Sem quaisquer explicações, mesmo porque seriam desnecessárias, agarrou-nos pelo braço, fazendo saber que deveríamos acompanhá-lo na direção da praia.

E assim, seguidos por todos que estavam no terreiro, mergulhamos na noite prateada em direção à beira da praia, onde três cambonos nos esperavam, munidos de arcos e flechas.

Ao chegarmos à beira da praia, já com as ondas a desmaíarem em nossos sapatos, Rompe-Mato, entregou os arcos a Crusoe, Panelão e a mim, ordenando que lançássemos as longas flechas, emplumadas de azul e branco, para o alto, na direção da cidade.

Despreocupados com o risco de atingir alguém naquela direção, distendemos os arcos até o limite e, num silêncio absoluto soltamos as flechas na direção da Lua, que já alta se fazia. Por um momento, tentando acompanhar a trajetória das setas, tive a estranha sensação de que as mesmas não haviam caído, após o vigoroso impulso ascendente imposto.

Magicamente, após o estranho ritual, os “santos” subiram todos de uma vez, dando oportunidade a que Mãe Eduarda voltasse a centralizar diretamente as ações.

– “Muito bem, gente! Vamos agora deixar que siga o cortejo, levando a “guia” negra para o terreiro da Gamboa”.

Já no Jipe, nas mesmas posições em que viemos, Mãe Eduarda beijou-nos carinhosamente na testa e, ao aproximar de Crusoe, fitou-o demoradamente segurando-lhe as mãos.

– “Crusoe, você é um homem bom. Que Zambi o proteja!”.

Os capoeiristas de Mestre Oró, corruptela de Orozimbo, já se aboletavam numa picape, prontos para a atividade de escolta.

Embora preocupados com aquele

“circo” que fora armado, em torno do simples transporte de um colar, tanto eu quanto Panelão estávamos lisonjeados, pela importância das funções em que fomos investidos, e bastante curiosos em verificar como seria o final daquela noite, absolutamente original.

Seguidos de perto pela escolta dos capoeiristas, iniciamos a viagem pela orla marítima até o Solar do Unhão, onde subiríamos para a Gamboa, o lindo bairro na cidade alta, de onde se avista quase toda a Baía de Todos os Santos.

Saindo de Itapuã e passando pela entrada da Lagoa de Abaeté, a viagem era de total tranquilidade, o que nos animou a papear descontraidamente. Na beleza da noite enluarada, agora apenas com uma levíssima aração que vinha do mar, as praias de Placafor e Piatã pareciam reluzir, convidando os casais de namorados para a inevitável “corrida de submarino” ...

Os capoeiristas de nossa escolta, já relaxados, cantavam no carro de trás, deixando que o som da cantoria se espalhasse pela noite.

*“Capoeira de coragem em visita à Lapinha,*

*Trouxe seu cordão de ouro,*

*E puxou a ladainha.*

*Paranauê, Paranauê, Paraná!”.*

O primeiro sinal de perigo veio a apenas três quarteirões do nosso destino, quando nos encontrávamos já em plena subida da Gamboa, um local de ladeiras íngremes e ruas estreitas.

Numa das várias bifurcações, quando Crusoe esperava até o último momento possível para dizer a Panelão qual a direção a ser tomada, o carro da escolta enveredou pela rua errada.

Considerando que nos encontráva-



mos muito próximos de nosso destino, Crusoe optou por seguir em frente, já que, também, nos parecia menos seguro permanecer parados à espera da escolta que, ao que tudo indicava, não havia ainda retomado o caminho correto.

Nesse momento, pareceu-nos que a rua se tornava ainda mais estreita, exatamente no momento em que passávamos ao lado do alto muro do antigo cemitério da Gamboa.

Panelão, concentrado na direção, foi o primeiro a perceber os três vultos que bloqueavam o caminho.

– “Acelera, e passa por cima”, gritou Crusoe, na medida que Panelão, agindo exatamente ao contrário, reduzia progressivamente a velocidade, na proporção em que nos aproximávamos das pessoas, agora já distinguíveis, à luz bruxuleante dos velhos postes.

Dois deles, nas extremidades, usavam capas de chuva de cor escura e chapéus de feltro, cuja sombra impedia que se lhes vissem as feições.

A figura central era de um homem louro e sorridente, trajado elegantemente de fraque e casaca, tendo numa das mãos uma bengala encastoadada em prata.

A partir da descrição feita por Mãe Eduarda, foi fácil perceber que aquela pessoa pretendia que acreditássemos que ali estávamos na presença do próprio Exu Veludo, o rei das encruzilhadas.

– “Abram caminho em nome de Ogum e de Zambil”, gritou Crusoe na direção do vulto que caminhava suavemente em nossa direção, produzindo com seus pés descalços um surpreendente ruído, que se assemelhava ao da areia da praia sendo pisada.

Os dois tipos das extremidades ameaçaram uma atitude mais brusca contra Panelão e eu, que já havíamos adotado postura de guarda ao lado do jipe, mas foram contidos por aquele que era claramente o chefe.

– “Ora coronel Crusoe, isso lá são maneiras de um homem tão culto

falar?”, disse ele lançando um olhar de irônica piedade e parando a apenas alguns metros de Crusoe.

– “*Vade retro* demo, que o poder de Deus é mais forte do que tudo!”, retrucou Crusoe já no mais absoluto pavor, buscando na ortodoxia da igreja católica apostólica romana um antídoto para o que parecia a encarnação do próprio mal.

– “Deus, Deus, Deus! Vocês falam dele como se a perfeição inatingível fosse também o molde de todas as virtudes”, reclamou o intruso.

– “O conhecimento não pode prescindir da ignorância, bem como a cura necessita da dor e a própria treva dá origem à luz! Assim, Exu é o momento inicial de tudo e não a negação. Exu não é o diabo!”, prosseguiu, – “longe disso, é o vento, a rebeldia, o sorriso e a ousadia. Exu não é a maldade, não é o sofrimento e nem a solidão! Ao contrário, é a solução dos males, a luta pela vitória, a própria vitória!”.

Eu e Panelão, absolutamente vencidos pela suavidade das palavras, que pareciam tão lógicas e convincentes, já acreditávamos que o próprio capeta não era um mal sujeito.

Calado, com o olhar perdido no infinito, como no início da noite ao piano, Crusoe também parecia convencido pela conversa fácil daquele cavaleiro de maneiras tão distintas. Em sua mão direita, agora ensopada de suor, apertava, com toda a força dos dedos, a temida “guia” negra.

– “Veja seu próprio caso,” voltou a articular mansamente nosso interlocutor. – “Sua vida ao lado de Deus, foi sempre um absoluto fracasso. Onde está sua família hoje? Eu lhe digo, está no Rio de Janeiro, buscando ficar bem longe. E digo mais, não tem o menor afeto por você!”.

Na medida em que Exu Veludo falava, o semblante apático de Crusoe foi se enchendo de grande tristeza. Uma tristeza palpável, que até nós,

que conhecíamos a história do solitário homem, podíamos sentir.

– “Você nunca foi feliz ao lado de Deus! No entanto, quando está ao piano, quando prega sua filosofia irreverente e sobretudo quando voa nas asas do álcool, meu amigo, você é verdadeiramente feliz. Nesses momentos, certamente não é Deus que tem estado ao seu lado...”.

Crusoe, presa de um convulsivo pranto, já estendia a mão para entregar a “guia” negra, quando um forte ruído de pneus quebrou o encanto.

Saltando ágeis do carro antes mesmo da freada, Mestre Oró e seus capoeiras já se interpunham entre nós, dando início a uma violenta troca de sopapos com os dois companheiros de Exu Veludo.

Aproveitando a confusão e livre do torpor a que fora cometido, Crusoe pulou do jipe com incrível agilidade e, desviando-se do Exu, embarafustou-se pelo portão aberto do Cemitério, no que foi seguido por mim e por Panelão.

Deixando para trás a batalha campal entre os capoeiristas e os companheiros do capeta, precipitamo-nos atrás de Crusoe, que corria como uma gazela por entre as tumbas.

Quem conhece o cemitério da Gamboa, sabe como é enorme...

Descanso tradicional das mais prósperas famílias de Salvador, os

jazigos e capelas são, por vezes, obstáculos intransponíveis, tamanha é a profusão em mármore, vitrais e estátuas em escala real.

Pareceu-me haver corrido meia maratona, quando Crusoe enfim parou, imaginando que estivéssemos a salvo. Afinal, contou-me depois, os cemitérios são campos santificados onde, em teoria, os entes do mal não poderiam transitar.

Um engano, que logo foi desfeito...

Ao dobrarmos numa das aleias, buscando a saída do labirinto, demos de cara com Exu Veludo e seus dois leais companheiros que, ficava claro, haviam vencido a parada contra os capoeiristas.

Nossa tentativa de ataque surpresa em pinça, retirada do manual de combate aéreo, resultou em completo fracasso. Ágeis, nossos oponentes não tiveram a menor dificuldade em imobilizar, tanto a mim quanto a Panelão, deixando Crusoe à mercê de seu chefe.

– “Vamos homem, dê-me logo o que me pertence e eu prometo que nosso próximo encontro será tão ameno como sempre, em meio a boa bebida e lindas mulheres.”, comandou Exu Veludo, já sem tanta suavidade na voz.

Arquejante pelo esforço, Crusoe era a própria figura da derrota...

Ainda assim, olhando para o céu

usou de suas últimas forças para declamar, uma estrofe, que lhe havia sido confiada pelo próprio Rompe Mato, no Canto de Itapuã, para ser usada por Crusoe como último recurso.

*“Cavaleiro na porta bateu,  
Cavalgando pelo céu azul.  
Valei-me Ogum Rompe Mato,  
Defensor do Cruzeiro do Sul”.*

Exu iniciou uma gargalhada, que foi no entanto interrompida por um forte sibilo no ar.

Trespasados pelas mesmas três vistosas flechas emplumadas de azul e branco lançadas por nós no começo da noite, jaziam o poderoso Exu Veludo e seus dois asseclas, olhos arregalados ao pé de uma lápide, onde descansava ninguém menos que Anacleto da Ribeira.

Excitados, fomos recebidos no terreiro da Gamboa por Mãe Balbina como filhos pródigos que retornam.

Exaustos, não contestamos o convite para pernoitar no terreiro, de onde saímos diretamente para a Base no dia seguinte.

Pouco antes de entrarmos no avião, Crusoe, já reinvestido em suas funções de Comandante da Base, apareceu para finalmente desvendar o tal teorema, título da história.

– “Se você tira sempre a metade dos palitos, sempre restará a outra metade, fazendo disso um processo infinito! E, na verdade, isso é apenas uma adaptação do paradoxo da corrida entre Aquiles e a tartaruga, enunciado por Aristóteles”, explicou sorrindo.

Panelão conseguiu alcançar seu objetivo de voar os Mirage do Grupo de Defesa Aérea, onde fez fama como excelente piloto.

Após este encontro, nunca mais encontrei Crusoe, que, tempos depois, foi nomeado Governador da Ilha de Fernando de Noronha.

Quanto a mim, passei, a partir de então, a reacreditar que Deus existe... ■

# SEMANA FARROUPILHA

Setembro é um mês de significativa importância para o Rio Grande do Sul. 20 de setembro é a data máxima do povo gaúcho, quando todos reverenciam a Revolução Farroupilha, também denominada de Guerra dos Farrapos. É o marco histórico da formação política da Sociedade Rio-grandense.

Esse movimento tomou corpo a partir da criação do Departamento Tradicionalista, organizado na famosa Escola Pública Estadual Júlio de Castilho, liderado por João Carlos Paixão Cortes, reconhecido cultuador das tradições gaúchas.

Neste ano de 2011, as comemorações terão início no dia 13 de Setembro, data em que a “Chama Crioula” (pira) será acesa em vários pontos do estado, sendo apagada no dia 20, ao encerrar-se a Semana Farroupilha. Durante esse período, a Chama Crioula permanecerá solenemente guarnecida pelos componentes do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), que se alternam de hora em hora, empunhando garbosamente suas lanças em posição de profundo respeito por aqueles que outrora tomaram cumprindo a honrosa missão de Sentinela dos Pampas.

Nessa semana, ergue-se em Porto Alegre, na antiga Praça da Harmonia, uma espécie de vila com cerca de 400 barracas e galpões de madeira, denominada “Ronda Crioula”. Esse nome foi buscado na campanha onde os tropeiros faziam a ronda cuidando das tropas de gado durante a madrugada.

Hoje, na Ronda Crioula reúnem-se os integrantes dos inúmeros CTG’s, piquetes vindos de vários rincões e milhares de pessoas que lá comparecem e celebram a data ao redor do fogo de chão, com churrasco, chimarrão, poesia e dança típica, relembando nossa história.

Como ponto máximo, encerrando as comemorações, segue-se o emocionante e lindo desfile a cavalo dos CTG’s, dos grupos e famílias em carroças e charretes,



## O Teorema da Caixa de Fósforos



todas enfeitadas e que, em todo Estado, reúnem uma multidão de cidadãos trajando vestes típicas: homens de bota, bombacha, chapéu de aba larga e mulheres vestindo saias rodadas e coloridas, sempre com flores no cabelo complementando a beleza das “prendas”, e assim, em clima de união, clamor cívico e consciência viva, os gaúchos dão uma profunda demonstração de igualdade, integração campo/cidade, unin- do gerações, classes sociais e etnias.

Mas, isso tudo deve-se ao movimento histórico chamado de Revolução Farrroupilha e aqui vai um breve resumo daquele episódio que, por oportuno, vale mencionar a famosa realização da TV Globo que recentemente emocionou o Brasil com a série “A Casa das Sete Mulheres”, onde foi retratada, com muita propriedade, a saga iniciada em 20 de Setembro de 1835 e que durou 10 anos, envolvendo sucessivos combates.

Unindo e mobilizando os farrapos, sob a liderança de homens e mulheres do porte de Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, David Canabarro, Antônio da Silva Neto, Domingos Crescêncio e Anita Garibaldi, entre outros, estava o sentimento de rebel- dia contra a centralização do Poder Federal, que se manifestava, de forma especial, na espoliação econômica da região. Entre as

principais causas do levante, estavam a penalização dos produtos agropecuários, especialmente o charque, com altos im- postos e, também, a expropriação e desvio dos recursos acumulados no Estado, até mesmo para pagar dívidas federais junto à Inglaterra.

Mas, além disso, a Revolução Farrou- pilha transformou-se em um movimento de construção e afirmação dos princípios sociais, políticos, econômicos, culturais, e, talvez, principalmente ideológicos, que orientam a sociedade gaúcha até hoje. Apesar da guerra e do ataque constante do poder imperial, os rebeldes farrapos mantiveram a atividade econômica, de- senvolveram as estruturas de poder, tanto civil quanto militar, e introduziram revolu- cionárias práticas democráticas.

Em 1837 e 1838, libertaram os escra- vos que haviam participado da revolução, reduziram os impostos sobre exportação e restabeleceram o imposto sobre impor- tação de gado, criaram uma fábrica de arreios e outra de curtir couros e promo- veram o recenseamento da população. Ainda, dentre as medidas mais importan- tes, instituiu-se a Assembleia Constituinte e o sistema eleitoral baseado no sufrágio universal, com voto obrigatório e apuração perante o povo reunido.

Muitas foram às batalhas e inúmeros foram os combates e escaramuças. Entre sucessos e insucessos os historiadores divergem quanto ao número de abatidos

em lutas, mas segundo Hernani Donato, no Dicionário das Batalhas Brasileiras, foram registrados 47.829 óbitos entre homens e mulheres, sendo a maioria de revolucionários.

A paz foi assinada em 1º de Março de 1845, com o Tratado de Poncho Verde. A atuação decisiva de Luiz Alves de Lima e Silva foi tão nobre e correta para com os oponentes que a Província, novamente unificada, indicou-o para Senador e o Império, reconhecido, outorgou ao General o título nobiliárquico de Conde de Caxias e mais tarde, em 1850, com a iminência da Guerra contra Rosas, seria indicado a Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A história em si é muito longa e fartas são as fontes de consulta.

A intenção do autor deste artigo foi, principalmente, a de enaltecer o espírito tradicionalista do povo do Rio Grande do Sul, seu espírito cívico e, antes de tudo, o patriotismo e o amor ao nosso torrão. Para complementar, belos episódios poderão ser apreciados no link: <http://www.archive.org/stream/bentomanoelribe00rodrgoog#page/n9/mode/2up>.

E para encerrar, não poderia deixar de publicar a poesia que leva o título de RETORNO DO BRAVO, a qual traduz com muita emoção a trajetória de um velho Guerreiro que viu seu filho partir para o combate ■

# RETORNO DO BRAVO

Ubirajara Raffo Constant

ALI, NA PORTA DO RANCHO,  
JUNTO AO CUSQUITO NERVOSO,  
O VELHO GUASCA ORGULHOSO,  
OLHAVA O FILHO PARTIR.  
TAMBÉM DESEJAVA IR  
COM A MESMA DISPOSIÇÃO  
LEVANDO A LANÇA NA MÃO,  
PRA SE UNIR AOS FARROUPILHAS  
E PELEAR SOBRE AS COXILHAS  
EM DEFESA DO RINCÃO.

MAS, JÁ VELHO E ALQUEBRADO,  
PERDERA A FORÇA DO BRAÇO,  
TINHA NO LOMBO O CANSAÇO  
E O PESO DE MUITOS ANOS,  
MAS ERA DOS VETERANOS  
COM ORGULHO DO PASSADO,  
POR TER A LANÇA EMPUNHADO  
COMBATENDO OS  
CASTELHANOS.

QUE GANA TINHA DE IR  
AQUELE VELHO GUERREIRO  
DE NOVO PARA O ENTREVERO  
COMO GAÚCHO A PELEAR!  
MAS FICAVA A SE ORGULHAR  
QUE EMBORA VELHO E CANSADO,  
JÁ TINHA UM FILHO CRIADO  
PRA PARTIR EM SEU LUGAR.

E ALI, NA PORTA DO RANCHO,  
CHEIO DE ORGULHO E PESAR,  
VIA O FILHO SE AFASTAR  
COM GARBO E DISPOSIÇÃO,  
MONTANDO FLOR DE ALAZÃO;  
O LAÇO PRESO NOS TENTOS,  
O PONCHO REVOANDO AO  
VENTO  
E A LANÇA FIRME NA MÃO.

DEPOIS DA ESTRADA DESERTA.  
A NOITE FOI SE FECHANDO,  
O PAMPA FOI SILENCIANDO  
NAS GROTAS E NOS BANHADOS.

E O VELHO GUASCA CANSADO,  
NO CATRE FOI SE ARRIANDO,  
EM TRISTEZAS MEMORIANDO  
ENTREVEROS DO PASSADO.

E ASSIM, NA POEIRA DOS DIAS,  
COBRIU O CATRE VAZIO  
DO PAISANO QUE PARTIU  
DO RANCHO PARA A GUERRILHA,  
LEVANDO NA ALMA CAUDILHA  
DE GUASCA CONTINENTINO A  
FIBRA, A GLÓRIA E O TINO  
DE CAMPEADOR FARROUPILHA.

DIAS PASSADOS DEPOIS,  
UM XIRU TROUXE A NOTÍCIA  
QUE A FARROUPILHA MILÍCIA  
EM QUE SEU FILHO MARCHOU,  
LUTANDO, SE DIZIMOU.  
MORRERAM, MAS NÃO RECUARAM  
E ENTRE OS QUE TOMBARAM,  
DISSE QUE O MOÇO TOMBOU!

NUM SENTIMENTO PROFUNDO  
O VELHO FICOU CALADO,  
ESTARRECIDO, PLANTADO,  
NÃO PODENDO A DOR CONTER,  
DEIXANDO LIVRE CORRER,  
DO FUNDO DA ALMA FERIDA,  
UMA LÁGRIMA SENTIDA,  
QUE ELE NÃO PODE CONTER.

TRISTONHA CAIU A NOITE  
E MAIS TRISTE A MADRUGADA;  
LATIAM AO LONGE A CUSCADA,  
NAS QUINCHAS GEMIA O VENTO  
E SEM DORMIR UM MOMENTO,  
ALI, NO CATRE ESTIRADO,  
O VELHO FICOU ATADO  
NAS SOGAS DO PENSAMENTO.

LEMBROU O FILHO EM CRIANÇA,  
CORRENDO O PAMPA EM RETOÇO,  
A MELENA EM ALVOROÇO,  
SOPRADA AO VENTO PAMPEANO.  
RECORDOU ANO POR ANO,  
ATÉ QUE O PIÁ FICOU MOÇO.  
E, ALI, DA PORTA DO RANCHO  
PARTIU PARA A REVOLUÇÃO  
MONTANDO FLOR DE ALAZÃO.  
O LAÇO PRESO NOS TENTOS,  
O PONCHO REVOANDO AO VENTO,  
E A LANÇA FIRME NA MÃO!

ESTAVA ASSIM RECORDANDO,  
QUANDO LÁ FORA UM GEMIDO,  
LHE FEZ APURAR O OUVIDO  
E CHAMAR SUA ATENÇÃO;  
E QUANDO VIU UMA MÃO,  
NAQUELA HORA TÃO MORTA,  
FORÇEAR DE ENCONTRO A PORTA  
COMO QUERENDO ARROMBÁ-LA,  
SUA VISÃO FICOU CLARA,  
VOLTANDO A LUZ E O BRILHO  
E NUM ÍMPETU CAUDILHO  
A PORTA ABRIU COM VIGOR  
E ESTARRECEU-SE DE HORROR  
ANTE A FIGURA DO FILHO!

CAMBALEANDO, ENSANGUENTADO,  
AS VESTES FEITAS EM FRANGALHOS,  
O CORPO CHEIO DE TALHOS,  
VENCIDO PELO CANSAÇO,  
JÁ SEM FORÇA E NEM BRAÇO,  
E SEM PODER VER DIREITO,  
TINHA O MEIO DO PEITO.  
ABERTO POR UM LANÇAÇO!

O VELHO VENDO-O A SUA FRENTE  
ENTÃO GRITOU GRAVEMENTE:  
MEU FILHO POR QUE VOLTASTE?  
POR QUE? POR QUE NÃO TOMBASTE?  
ONDE TOMBOU NOSSA GENTE?  
MALDITO SEJAS, COVARDE!  
TU JÁ NÃO ÉS MAIS MEU FILHO!

NÃO TENS O SANGUE CAUDILHO!  
NÃO AGUENTASTE O REPUXO  
FUGISTE DOS ENTREVEROS,  
DEIXASTE TEUS COMPANHEIROS,  
TU JÁ NÃO ÉS MAIS GAÚCHO!

ENTÃO A FACE DO MOÇO,  
QUE PELEANDO NÃO TOMBOU,  
COM UM CANSAÇO ESTAMPOU  
A IRA DO CORAÇÃO – MEIO  
PERDENDO A VISÃO  
E PROSTRANDO-SE RUDEMENTE,  
NAQUELE GESTO INCLEMENTE,  
DESFALECIDO NO CHÃO.

O MOÇO, SENTINDO A MORTE  
ROUBAR-LHE O SOPRO DA VIDA,  
COM A ALMA TRISTE E FERIDA,  
ALI, PROSTRADO NO CHÃO,  
SEM RANCOR NO CORAÇÃO,  
OLHOU PARA O PAI AO SEU LADO  
E JÁ NO ÚLTIMO BRADO  
FEZ-LHE A BRAVA CONFISSÃO:

– MEU PAI, EU NÃO FUI COVARDE!  
HONREI MEU PONCHO E MINHA  
ADAGA,  
FIQUEI COBERTO DE CHAGAS,  
MAS AGUENTEI O REPUXO.  
FUI VALENTE, FUI GAÚCHO,  
LUTEI COM TODO ARDOR.  
MAS SE AQUI VIM ESCONDIDO,  
FOI PRA SALVAR DO INIMIGO  
O PAVILHÃO TRICOLOR!

E, ABRINDO A CAMISA AO PEITO,  
TIROU EM SANGUE BANHADO,  
AQUELE TRAPO SAGRADO  
QUE ATÉ O FIM DEFENDEU  
E BEIJANDO ELE ESTENDEU  
PRO PAI NO ÚLTIMO ESFORÇO  
E DEPOIS CURVANDO O DORSO  
O BRAVO GUASCA MORREU.

# Reconhecimento e gratidão...



Raul Galbarro Vianna  
Cel Av  
raulgianna@gmail.com

No início da década de 60, Guiratinga era uma pequeníssima cidade, praticamente um lugarejo, e que, curiosamente dispunha de cinco campos de pouso na área – o que contribuía sobremaneira para muitos pilotos pousarem no campo “errado”, principalmente os desavisados que para ali se dirigiam pela primeira vez. A geografia do local, bastante acidentada, representava para mim, na época, mal comparando, uma cópia em escala menor do Grand Canyon, evidentemente guardadas as devidas proporções. Dentre outras, havia, contudo uma diferença crucial: as encostas e escarpas em Guiratinga eram esparsas e bem verdes, com vegetação espessa, ao contrário da outra – concentrada, rosada e de vegetação rala. De qualquer forma, era assim que eu via.

Nosso CAN Norte se embrenhava naquelas terras selváticas de Mato Grosso, através de uma rota que sempre me cativou e deslumbrou porque percorria inicialmente grande parte do pantanal e prosseguia até atingir as bordas das selvas já pertencentes à bacia amazônica.

O Padrão era assim:

– 1º dia (ida): Campo Grande / Coxim / Alto Araguaia / Guiratinga / Ponte Branca / Tezouro / Baliza / Aragarças / Araguaiana / Santa Terezinha (missão salesiana, junto aos índios Xavantes) / São Marcos (idem) / Meruri (idem, porém junto aos índios Borôros) / Sangradouro (idem, junto aos Xavantes) / Cuiabá.

– 2º dia (volta): percurso inverso.

O calor – sempre abrasador – castigava ainda mais no segundo dia, que era eventualmente mais puxado, uma vez que buscávamos, sempre que possível, pernoitar em Meruri pela fidalguia de tratamento que recebíamos da venerável e incansável pessoa do Padre Bruno que, inclusive, nos proporcionava a “mordomia” de um delicioso vinho de missa no jantar. Sendo assim, tínhamos que cumprir as duas etapas postergadas – Meruri/Sangradouro e Sangradouro/Cuiabá – e retornar já enquadrado no roteiro para, então, completar a perna de volta. Contudo, mais desgastante era realizar esta missão de T-6, o que ocorria quando toda a aviação aplicável (C-45, T-7, ou até mesmo C-47) estava indisponível (por eventual manutenção ou engajamento em outras das inúmeras missões) e era necessário mostrar àquela gente desassistida que não estavam esquecidos – era assim que nós entendíamos – e nossa presença era ponto de honra. O T-6 entrava em cena nessas horas para cumprir a “missão moral”.

Iniciei retratando sucintamente o contexto de Guiratinga porque ali ocorreu o evento objeto de nossa narrativa.

Estava realizando um desses CAN

Norte, voando o C-45 2788, tendo como “2P” o 2S Salvi. Tudo correndo dentro do previsto. Calor senegalesco. Pousamos em Guiratinga. O campo de pouso “oficial” que utilizávamos – uma limitada pista de terra – situava-se num platô. Cortamos os motores e providenciamos rapidamente os trabalhos de embarque e desembarque das poucas e pequenas bagagens. Passageiros, nem pensar! Estávamos com os cinco lugares existentes ocupados.

Observo o guarda-campo se dirigindo em minha direção, tendo ao lado uma mulher humildemente trajada. – “Tenente, essa moça quer lhe falar”, proferiu apontando para ela que, com a expressão aflita, suave muito, não só pelo calor, como, também, pela longa e cansativa caminhada ladeira acima para nos alcançar antes que partíssemos. Ato contínuo tirou do bolso da roupa surrada um papel úmido de suor – um telegrama – em que era informada da internação hospitalar de sua mãe, em estado grave, em Cuiabá, e era pedida a sua presença urgente, se possível. Olhei para o Salvi e creio que pensamos a mesma coisa: “Não vai dar! Já estamos bem acima do limite de 500 kg; a temperatura está muito alta; a pista é curta; não é nível do mar...”. Instantanea-

# não têm preço!

mente, lá do íntimo da consciência, vem à pergunta impiedosa e massacrante: “Você tem coragem de deixar essa mulher? É essa a sua formação?”.

– “Salvi, dá um jeito de acomodá-la e vamos em frente!” A freira – a bordo, suando em bicas – arregalou os olhos num misto de susto e apreensão. Olhei para ela e murmurei baixinho: – “Irmã, Deus está vendo! Seja o que Ele quiser!”.

Decolamos, no sufoco, na VFP (velocidade de fim de pista). Tudo deu certo. Estamos vivos.

Passa o tempo. Uns três meses.

Volto a encarar a mesma missão.

A seu tempo, dentro do roteiro, pouso em Guiratinga. O quadro local é o mesmo. Calor abrasador, calma de ouvir grilo de dia. Tudo pronto. Antes de equiparmos para prosseguir na missão, o guarda-campo intervém e diz, apontando para a estrada onde avistamos um vulto de mulher caminhando apressado em nossa direção:

– “Tenente, essa moça vem aqui às pressas toda vez que aterrissa um avião – aqui pouso muito avião de fazendeiro – sempre tentando adivinhar que vai encontrar o senhor. Aí eu ensinei a ela a diferença, dizendo que avião da FAB tem

‘rabo verde e amarelo’. Então, ela passou a vir, somente, quando passava no alto o da FAB, mas, mesmo assim, nunca coincidiu de lhe encontrar.” Interrompemos a conversa em razão da chegada da moça.

– “Tenente, o senhor se lembra de mim?” Claudiquei na resposta e ela continuou: – “Aquele telegrama, que o senhor levou pra Cuiabá?” – “Ah, claro!”, respondo. – “Como ficou sua mãe?”, me arrisquei na pergunta. – “Ela se recuperou e está bem. Eu vim aqui por isso. Eu quero lhe agradecer muito”, disse, estendendo-me as mãos com um embrulho de jornal envolvendo um frango vivo – o que já me causara estranheza em sua chegada. – “Fico feliz por sua mãe estar bem”, e completei um tanto constrangido: – “Não precisa nada disso, não posso aceitar”, ao que ela retrucou com expressão tristonha, mas firme: “Aceite, por favor! Eu faço questão! A mente rapidamente se interrompe: –” Pensa um pouco... pode parecer desfeita!”. Tudo bem. Aceitei e agradei. Despedimos-nos e ela se foi.

Antes de partirmos, o guarda-campo – espirituoso – se manifesta, quebrando o silêncio que ainda pairava da cena tocante: – “Tenente, esse frango não deve tá entendendo nada... Por que e pra que veio

passar no aeroporto tantas vezes?” E eu complementei: – “... e o pior é que quando consegue viajar é pra morrer!”

Decolamos...

O frango desceu em Aragarças e deve ter proporcionado uma saborosa canja ao pessoal da ZW.

De todo o ocorrido, resultaram para mim alguns ensinamentos e constatações.

A pouca experiência de vida e a falta de maturidade (pessoal e profissional) são, certamente, destacados elementos constitutivos da tão conhecida “tenentada”. Não creio que um major, ou mesmo um capitão antigo – em circunstância tão peliaguda – tivesse deixado a emoção sobrepujar a razão. Por outro lado – como lição de vida – ficou a certeza de que gratidão e reconhecimento são sentimentos e manifestações que não estão necessariamente atrelados ou associados à raça, credo, grau de escolaridade, classe social ou região geográfica.

Na época, jovem tenente, não atinei para os fatos, mas depois – passado o tempo – tenho plena convicção de que esse episódio, singelo, porém marcante, incorporou relevante página no compêndio de minha vida ■

**O** BOLETIM Interno da Base Aérea de São Paulo, do dia 6 de julho de 1965, publicou minha qualificação como 2º Piloto em aeronave RB-25J.

A partir desse dia, deixei de voar como aluno e passei a fazer parte daquele time memorável composto por todos que serviram no 1º/10º GAv, em Cumbica, entre os anos de 1965 e 1970. Foi, inequivocamente, um degrau por demais importante, em minha vida de piloto operacional da Força Aérea Brasileira.

Os Instrutores, Garotti, Bresciani, Adalto, Oliveira, Miranda, Alves, De Faria, Figueirôa, Aguiar, Perez, liderados pelos saudosos Comandante Maj Gerseh e Operações Cap Leuzinger Lima somados aos “novinhos”, recém-chegados, Longuinho, Rodríguez, Spina e eu, enriquecidos ainda pela equipe especialista, Eder, Gomes Neto, Girardi, Couto, Carvalho, Hilário, Paoli, Seixas, Barra e Liz, mecânicos de todas as especialidades, radiotelegrafistas, fotógrafos, artilheiros e auxiliares formávamos uma formidável Unidade Operacional.

O 1º/10º GAv cumpria, essencialmente, três tipos de missões operacionais: Reconhecimento Foto, Reboque de Alvos e Reconhecimento Meteorológico.

O Reconhecimento Foto destinava-se a recobrir fotograficamente áreas determinadas e, como produto final, produzia um mosaico não controlado dessa região. O mosaico possibilitava análise e estudo do local com o objetivo de cadastrar e planejar o desenvolvimento urbano, rural, portuário, aeroportuário, etc..

O Reboque de Alvos destinava-se a possibilitar o treinamento das baterias das Unidades de Artilharia Antiaérea do Exército Brasileiro e, eventualmente, da Marinha do Brasil. A missão constituía em rebocar um alvo, de lona ou metálico, colocado na

ponta de um cabo de 1.200 pés ou 2400 pés, desfilando a frente das baterias antiaéreas equipadas com canhões de 40 mm ou de 90 mm e servir de alvo para tiro com munição real. Tudo muito emocionante!

O Reconhecimento Meteorológico consistia em uma missão de aproveitamento imediato pelo Centro de Previsão Meteorológica do Galeão, que recebia, instantaneamente, via telegrafia, os resultados obtidos.

MOMD – Missão de Observação Meteorológica Diurna – era o código da Missão de Reconhecimento Meteorológico.

As missões ocorriam todas as semanas do ano, iniciando-se às segundas-feiras e encerrando-se as quintas ou às sextas-feiras.

Para cada semana, uma tripulação era escalada: dois pilotos, um mecânico, um radiotelegrafista e um meteorologista.

Os meteorologistas eram Oficiais que serviam em diversas Unidades da Diretoria de Rotas Aéreas e eram encarregados das previsões meteorológicas locais nos aeródromos sede de controle de tráfego aéreo: ACC, APP e TWR. Nessa época, todos eram pioneiros na especialidade e haviam

frequentado o Curso Superior de Meteorologia, na Universidade de Buenos Ayres, Argentina. Detinham um conhecimento formidável e os chamávamos, carinhosamente, de “bruxos”. Posteriormente o curso de meteorologia passou a ser ministrado pela EOEIG, em Curitiba. Não conheci todos, mas lembro, com saudades, de muitos deles e a todos presto uma sincera homenagem: Ched, Bosignolli, Padilha, Kusiak, Jansen,

Tatagiba, Salvador, Dória, Antas, Caracas, Meirelles, Vettore, Araújo, Beraldo, Martins, Pocidônio, Batista, Stock, Mamoré, Bertoni, Paes Leme, Spíndola, Eleotério, Cezarino, Rodrigues, Walkir, Araújo.

Carlos Girardi era 1º Ten Esp Met, do efetivo do 1º/10º GAv. Estudioso e dedicado à especialidade, era o coordenador dessa atividade no Esquadrão. Além disso, era ele quem preparava os Oficiais Aviadores para estarem aptos a comporem as tripulações operacionais. Muitas aulas teóricas e, pelo menos, uma missão real no nariz do RB-25J, na função de observador meteorológico compunham a grade curricular do piloto recém-chegado à Unidade Aérea. Deixavam de ser um mistério todos os tipos de nuvens, as chuvosas e as de bom tempo. As frentes eram interpretadas sem dificuldades, frente fria, frente quente, frente oclusa, frente estacionária. O METAR, QAM na época, ficava absolutamente claro. Na sequência de três ou quatro QAM de uma mesma área, estávamos capacitados a fazer

previsões com boa dose de acerto. A temperatura e o ponto de orvalho nos

falavam de possível nevoeiro no destino. Tudo devido à capacidade de o Ten Girardi nos ensinar, na sala de aula, no pátio ou em voo, quando, pacientemente, nos introduzia nos mistérios do céu. O Ten Girardi possuía alma de cientista e ciência foi o que veio a praticar ao deixar o Esquadrão e ir para o CTA em São José

dos Campos. Não o encontrei mais, porém sei que teve importante participação no desenvolvimento dos foguetes nacionais de sondagem.

Enfim, o que era e como era uma MOMD?

O Centro de Previsão Meteorológica do Galeão, diariamente, enviava, muito cedo, um radiograma solicitando o tipo de missão pré-planejada que desejava fosse voada, em função dos indícios de deslocamento de frentes frias.

As missões cobriam toda a área Sul e Centro-Oeste, tradicional local de entrada de frentes frias. Os voos variavam, em duração, por etapa, de quatro a seis horas com eventuais pernoites em Canoas e em Campo Grande. Boa parte da missão, ou toda, era realizada em condições reais de voo por instrumentos.

O nível de voo era de 700 milibares, correspondente a uma altitude de 10.000 pés. O desconforto era muito grande, pois a aeronave não era pressurizada, não tinha aquecimento, a ventilação era espontânea através de diversos orifícios naturais decorrentes da idade provecta do valente avião, chovia dentro, o encosto da poltrona era o paraquedas de dorso, as pernas de voo eram longas, e não havia banheiro a bordo, somente os aspiradores Venturi. No inverno, as missões para o Sul eram terríveis. A temperatura, no nível de cruzeiro, era intolerável, às vezes, muitos graus abaixo de zero.

A rota solicitada, sempre, era em direção a uma frente fria deslocando-se de Sudoeste para Nordeste. Voavam-se horas e horas sob condições extremas, driblando Cumulus Nimbus (CB), desviando para um lado ou para o outro de acordo com o luzir de um raio pipocando na proa.

Para a navegação, o RB-25J era equipado com dois rádiocompassos, um VHF de 12 canais, um “comandinho” de ondas curtas e o ART-13 – equipamento salvador do radiotelegrafista, que nos mantinha em contato com algum dos Centros de Controle de Área. Não era equipado com radar meteorológico, VLS, ADF, GPS e tantos outros equipamentos que, hoje, facilitam a jornada dos aeronavegantes. Tínhamos, sim, dois horizontes artificiais, a vácuo, muito confiáveis.

Fazia parte do equipamento pessoal de cada tripulante uma capa de chuva, muito utilizada, pois quando, voando dentro de nuvens pesadas, e dentro de chuva, eram inúmeras as goteiras, especialmente no nariz da aeronave onde voava o meteorologista.

Há que se ter presente, para se entender a importância dos voos de Reconhecimento Meteorológico, que naquela época, não havia radares meteorológicos terrestres, não havia rádios-sondas, não havia satélites meteorológicos, não havia supercomputadores, o INPE, apenas, iniciava sua jornada. As previsões eram baseadas em informações recebidas da Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai, nas observações dos Postos Meteorológicos situados nos aeródromos, nas informações da aviação comercial e nos dados fornecidos pelo meteorologista nas MOMD. As informações eram recebidas pelo Centro de Previsão do Galeão, analisadas, transferidas para mapas sinóticos e divulgadas em previsões e boletins meteorológicos.

Tudo, digamos, artesanal, porém feito com muita competência, profissionalismo, dedicação, entusiasmo e total aproveitamento pelos que se dispunham a voar.

Durante a MOMD, nas rotas pré-planejadas, a cada 40 minutos, em locais

predeterminados, o meteorologista efetuava uma observação onde utilizava seus instrumentos: um termômetro seco, um termômetro úmido colocados no psicrômetro, uma espécie de tubo de Venturi avantajado, colocado na lateral esquerda do nariz do avião. Os dados colhidos lhe permitiam formatar e enviar uma mensagem codificada contendo a temperatura, ponto de orvalho, vento aproximado, tipo de nuvens no nível de voo, acima e abaixo, turbulência e outros dados essenciais para a elaboração da previsão meteorológica. A informação colocada em uma mensagem padrão era transmitida pelo radiotelegrafista, para o Centro do Galeão, que analisava e, mensagem após mensagem, ia compondo a situação meteorológica da área sobrevoada para, mais tarde, integrar, analisar e, formar a previsão meteorológica para as próximas horas e, então, disseminá-la para todas as Salas de Tráfego, Estações-rádio e órgãos interessados.

Eram voos memoráveis e a jornada, normalmente, era encerrada em uma churrascaria, no local de pernoite, com a presença de toda a tripulação.

Enfrentávamos o mau tempo e a turbulência confiando, absolutamente, nos dois motores Wright Cyclone, de 1700 HP, nas longarinas, tipo trilho de bonde, que sustentavam as asas e, especialmente, nas abençoadas nove horas de autonomia do RB-25J, grande e valente aeronave.

Sustos, todos levávamos, mas ansiávamos pela próxima missão, considerando todos os ganhos em experiência e nas cerca de 25 horas semanais a acrescentar no nosso “pau de sebo”, o quadro mais observado do Esquadrão, além, é claro, das cobiçadas horas de instrumento real ■

Ten Brig Ar Sérgio Pedro Bambini  
sergio.p.bambini@gmail.com

# MOMD



YU HON  
Height of  
Adolescence

Verônica Maria Beviláqua Mendes  
Escritora

# RITOS DE PASSAGEM

Tudo me chocou e ali, estava o futuro de nossa nação! Meninos e meninas com idades variando dos 16 aos 21 anos se entregavam ao “deleite” das misturas bombásticas de várias bebidas, ingeridas como se fossem sucos. O “esquema” arrumado com posto médico, para atender aos excessos e às consequências, muitas vezes drásticas, quando eles ou elas desmaiavam e eram levados para um pronto-socorro. Ao lado da universidade, no mesmo quarteirão, ou seja, um paradoxo, porque aqueles jovens deveriam estar em salas de aula e não entendi por que estavam se embriagando sem motivo algum!

De repente, lembrei dos rituais indígenas, quando os curumins têm que passar por provas difíceis para se tornarem adultos e guerreiros da tribo. A mim, me passou a cena porque as imagens eram claras, mostrando um tipo de rito de passagem, só que entre homens e mulheres. Eles e elas competiam para ver quem tinha maior autonomia na ingestão dos coquetéis que eles mesmos misturavam e se ufanavam com suas performances. Meninas lindas, jovens, bêbadas, gritando, berrando, vomitando, sendo carregadas ou jogadas na calçada, sem noção do que se passava. Meninos se vangloriando de suas “conquistas” porque haviam conseguido ingerir quase meia garrafa de cachaça no gargalo, como se aquilo fosse um troféu do macho mais forte de todos.

Os homens jovens têm que conquistar troféus e isso os colocam num patamar de respeito perante os companheiros. Ele vira o líder do grupo porque chegou ao pódio,

Noite dessas, assistindo a uma reportagem sobre o alto consumo de álcool entre os universitários de algumas cidades brasileiras, fiquei estarelecida com as imagens e a forma como hoje, grande parcela da juventude do nosso País está se entregando a um vício que no futuro, poderá ser irreversível.

não interessa que tipo de pódio ele subiu. Assim acontece com os atletas, com os meninos quando adolecem e querem se destacar para conquistar a menina mais bonita da escola e até com os jovens delinquentes, quando praticam os seus crimes sem nenhum escrúpulo, para que o bando os coloque na categoria de “alta periculosidade”.

Mas..., e as meninas? Por que as mulheres de hoje precisam, também, de tais ritos de passagem, quando estão se expondo e se degradando ao nível baixíssimo, sem nenhuma noção de tudo o que estão perdendo na sua vida futura? Agem como mulheres sem classe, não se respeitam e nem se atinam que um dia, quando pensarem em ter filhos, já alcoólatras, deixarão nos seus bebês a semente de um vício tão perigoso quanto o das drogas pesadas e, portanto, jamais poderão chorar as penas de ver os seus próprios filhos jogados nas sarjetas, sem rumos na vida.

E o que será do futuro do Brasil, quando uma geração inteira de jovens universitários se embriaga todos os dias e acha isso muito bom? Que tipo de profissionais as nossas escolas e universidades estão diplomando ultimamente?

Aquela reportagem me chocou em todos os sentidos. Os repórteres foram em algumas casas conversar com as famílias de alguns e os pais se diziam preocupados, mas que não podiam fazer nada! Como nada? Um filho menor de idade, com pai, mãe e ninguém pode fazer nada por ele? O menino sai embriagado, dirigindo o seu próprio carro e ninguém vê isso como algo horrível! E os acidentes que ele poderá provocar? Onde estão os responsáveis por

esses pequenos “guerreiros da garrafa?”. Por que isso está acontecendo com os meninos e meninas do nosso País?

Vejam que estou comentando um fato que vi entre jovens de classes favorecidas, todos em faculdades, mas por outro lado, sem nenhum rumo na vida! O objetivo deles é se juntarem e começarem as “provas” do prêmio “quem bebe mais!”. Homens e mulheres naquela contenda medindo forças e se despojando de princípios morais quando bebem até perderem o senso e se deleitem nesse estado de torpor absoluto, onde tudo é permitido sem nenhuma censura ou moralidade.

Meninos e meninas com um futuro promissor, uma vez que conseguiram chegar onde poucos conseguem e hoje, se desnudam num vício que os consumirá por toda a sua vida.

Afinal, onde estão as suas famílias? Onde estão as suas mães?

Quem cuidará das graves consequências desses desatinos juvenis, num futuro não muito distante, quando a razão chegar (se chegar!), naquelas cabeças desnorteadas e..., quem pagará o ônus do prejuízo? Porque são seres humanos e uma grande parcela dos que estarão nos comandos do nosso País!

Naquela noite, entendi porque tudo anda tão louco e os valores que a minha geração aprendeu como os corretos para se vencer na vida, estão ficando sem nenhuma utilidade. Naquela noite, constatei que a instituição mais forte para alguém – a família –, está sendo aniquilada por falta de vontade ou por responsabilidade dos que hoje, deveriam estar cuidando dos seus descendentes. É uma pena! ■



## UMA LEMBRANÇA INDELÉVEL

Paula Araújo  
Redação

**O**ctávio Júlio Moreira Lima nasceu em 11 de agosto de 1926, no Rio de Janeiro e faleceu em 23 de maio de 2011. Nesses 84 anos de vida, casou-se com Ana Guasque Moreira Lima e como descendente deixou dois filhos: Luiz Felipe Moreira Lima e Octávio Júlio Moreira Lima Júnior, dois netos e dois bisnetos.

Sentou praça em 1943 e oriundo da Turma de 1945, dentre muitos de seus feitos, foi instrutor da Escola de Aeronáutica, futura Academia da Força Aérea (AFA); tornou-se instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR), quando assumiu a chefia do Estado-Maior do 4º Comando Aéreo Regional; foi Ministro da Aeronáutica, em 1985, no governo de José Sarney e posteriormente, membro do Conselho Superior do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), vindo a ser Diretor dessa mesma entidade.

Em 2004, a Revista Aeronáutica, de nº 247, iniciou uma seção denominada Série Depoimentos, inaugurada, mereci-

damente, pelo Ten Brig Ar Octávio Júlio Moreira Lima, por sua rica experiência de vida, ensinamentos a serem passados para os mais jovens e seguir o seu ideal.

Abaixo, um trecho do depoimento, onde descreve o Sentido da Vida e a preocupação que devemos ter com nossos semelhantes.

### UM SENTIDO PARA A VIDA

*"No campo da filosofia, busca-se, sempre, um sentido para a vida. Além disso, diversas religiões procuram dar sentido à existência humana, com projeções transcendentais, que ultrapassam a vida do corpo.*

*É sintomático que a mente humana não aceite que o Ser esteja no mundo vivendo apenas para a preservação da sua espécie. Isso seria um sentido que não teria nada de nobre. A vida não teria um sentido nobre.*

*Realmente, o homem difere dos outros animais por possuir uma gama maior de sentimentos. Quando ele formou a sua família, seu grupo social começou a sentir que deveria ser útil àquela sociedade em que vivia. Isto continua sendo o principal*

*sentido da vida: ser útil à sociedade. Não pensar somente na sua família, na sua atividade, na sua profissão. Também deve pensar na comunidade, sem egoísmo.*

*A felicidade individual só existe com a felicidade coletiva. A harmonia com o semelhante e o respeito ao meio ambiente, à natureza, são elementos que fazem o Ser Humano, que procura um sentido para a vida, mais feliz.*

*Outro elemento é construir a amizade. A amizade é muito importante, porque faz o homem sentir que é bem recebido no grupo.*

*Esses detalhes são os mais importantes para que se possa perceber um sentido para a vida.*

*Afinal, desde que o homem criou a arte, ele pretendia utilizar uma linguagem universal. Começou com as pinturas nas cavernas, tentando comunicar-se através do meio ambiente. Desta forma, estava tentando inserir-se no seio da comunidade, exprimir sentimentos, o que é muito diferente da conhecida Torre de Babel, símbolo de separação dos homens. Seria a vida sem sentido algum" ■*

# Financiamento Imobiliário

## POUPEX

### Sua casa própria em 1º lugar

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

Mais informações: 0800 61 3040 • [casapropriapoupe.com.br](http://casapropriapoupe.com.br)

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO RIO DE JANEIRO - ESCRJ

Palácio Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni - 3º Andar - Centro - 20221-260  
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 2253.8395 e 2253.0102 - Fax (21) 2253.0860

**POUPEX** Associação de Poupança e Empréstimo  
[poupe.com.br](http://poupe.com.br)

Para Amil,  
não existe nada mais emocionante  
do que **cuidar de você.**

**Amil** RESGATE  
SAÚDE

EROMIL

**Amil Resgate Saúde:** completo sistema de transporte inter-hospitalar.\*

**UCP:** modernos centros de prevenção e tratamento das patologias posturais.

**Total Care:** avançada estrutura para clientes que precisam de cuidados especiais.\*\*

\*Aditivo opcional. \*\*Confira a cobertura do seu plano no orientador e verifique as especialidades disponíveis nas unidades da sua cidade.